

51  
APPENDICE A CONSTITUICAO MORAL  
E DEVERES DO CIDADAO COM EXPOSICAO  
DA MORAL PUBLICA CONFORME O ESPIRITO  
DA CONSTITUICAO DO IMPERIO POR  
JOSE DA SILVA LISBOA RIO 1825

# I APPENDICE

## A CONSTITUIÇÃO MORAL.

**H**A vendo, ainda que mui impetitamente, exposto a *Constituição Moral*, manifeste, pelas luzes da razão, ajudado pelas Regras da Revelação, considere, que não seria inútil acrescentar hum Epílogo da *Moral Mundana*, e da *Moral Christã*; a fim de que, pelo seu contraste, se conheça a necessidade de guardar-se no Império do Brasil (salva a *Tolerancia Política* concedida por imperiosas Razões de Estado) a Religião Catholica, Apostolica, e Romana, que mostrou a *Grande Luz* às Nações que vivião nas trevas; perpetuando-se a Doutrina Evangelica, que tem subsistido por não interrompida serie de Successores do Principe dos Apostolos S. Pedro, o qual traspassou a *Cadeira da Verdade* da Capital da Judéa ( cuja total destruição fôra prophetizada pelo Redemptor do Mundo ) para Roma, a Capital do Império Romano, então o maior e mais civilizado Estado da Terra, donde em consequencia melhor se poderia propagar o Novo Codigo, que continha as Bases da verdadeira *Constituição das Constituições*.

Desejava tambem addir huma Dissertação sobre a *Verdade da Religião Christã*, tão contradicta e vilipendiada pelos impios, infieis, e libertinos, que tem produzido maiores males pelo *Furore Revolucionario*, que os que a Humanidade tem soffrido pelo *Erro Fanatico* de Christãos estar promptos para dar *razão da Fé* que professão. Porém essa tarefa, além de muito exceder as minhas faculdades, he mais digna e propria dos *Mestres da Lei*. Restringir-me-hei por tanto a hum *Resumo das Regras Evangelicas*, e das *Razões Philosophicas*,  
1

que bastem a satisfazer a todo o espirito recto sobre a excellencia da Moralidade e Piedade, que o nosso Divino Salvador veio ensinar ao Mundo peregrinante. Pelo paralelo dos capitulos seguintes, espere-se evidencia o *critério da verdade*, para os bons cidadãos, que não reconhecerem máes motivos das acções boas, se encontrarem da Moral Mundana, que se funda no *amor-proprio*, e na cubiza de bens caducos, e seguem a Moral Christica, que se estabelece no Amor de Deos, e esperança da felicidade eterna.

## CAPITULO I.

### Moral Mundana.

O Creditto que na Republica das letras adquirio o Duque de La Rochefoucauld pelo seu livro das *Reflexões Moraes*, em serie de 528 *Maximas* ( algumas das quaes ja citel nesta obra ); e o aprego, que se lhe deo na Europa, onde foi traduzido em varias linguas, principalmente depois que Voltaire lhe fez elogios na *Noite*, que deo dos Escriptores do seculo do Monarcha Francez Luiz XIV., dizendo ter sido hum dos que mais contribuiu a formar o gosto da Nação, e dar-lhe espirito de justiza e consciã; obrigou-me a advenir a Moralidade, que ella só contém *Moral Mundana*; pois faz o quadro dos homens, como são no estado corrupto, e não como devião, e podião ser, se adoptassem a *Moral Christica*.

Aquelle seu panegyrista, inimigo do Christianismo, approvava o erroneo principio fundamental desta obra, affirmando ser *verdade*, que o *amor-proprio* he o *movêl de tudo*, dizendo porém, que he a unica verdade nella, contenda, bem que o mesmo pensamento se apresente em aspectos variados.

O Author das *Maximas* foi com razão accusado de *reduzimar a natureza humana*, e Mr. Saurat, que deo nova edição dellas no corrente anno de 1826, souo exorta por haver elle escripto em tempo de facções, e intrigas politicas, em que a hypocrisia predominava, faz-seo *conquanto* jogo das paixões violentas, e o *interesse pessoal* se intrinmette em tudo, governa tudo, e corrompe tudo.

O mesmo Author todavia reconheceo a supremazia de virtude, e a sua influencia na Humanidade, enunciando as seguintes *Maximas* ( 187 — 223 — 513. )

He preciso estar de accordo, em *homens da virtude*, que as maiores infellicidades dos homens são as em que elles cahem pelos seus crimes.

A hypocrisia he huma homenagem que o vicio rende a virtude.

Por máos que sejão os homens, não osarião parecer inimigos da virtude; e quando a queream perseguir, flagem crer que ella he falsa, ou lhe imputão crimes.

### Amor-proprio.

Não venhimos os nossos bens e os nossos males se não em proporção do nosso amor-proprio.

O amor-proprio soffre mais impacientemente a condemnacão de nossos gostos, que de nossas opiniões.

O affetto, ou a indifferença, que os antigos philosophos tinham a vida, não era senão o gosto do seu amor-proprio.

O amor-proprio nos augmenta ou nos diminue as boas qualidades dos nossos amigos, em proporção da satisfacção que temos delles; e julgamos do seu merito pela maneira com que vivem com nosco.

Não ha paixão em que o amor de si mesmo reïne tão poderosamente como na do amor: o amante he muitas vezes disposto a sacrificar antes o descanso da pessoa amada, do que a perder o seu.

No crime ha mais amor-proprio que amor do objecto que se ama.

Nenhuma cousa deve diminuir mais a satisfacção que temos de nós mesmos, que o ver, que desapprovamos em hum tempo o que approvamos em outro.

### Amizade.

O que os homens tem chamado *amizade*, não he senão parceria, ou manejo reciproco de interesses, hum cambio de bons officios, hein commercio em que o amor-proprio se propõe sempre algum ganho.

Não podemos amar cousa alguma se não com relação á nós mesmos, e não fazemos mais que seguir o nosso gosto, e o nosso prazer, quando preferimos os nossos amigos a nós mesmos: todavia he só por esta preferência que a amizade pôde ser verdadeira e perfeita. Perdamos facilmente aos nossos amigos os defeitos que não nos prejudicão.

O primeiro movimento de alegria que temos pela fidelidade dos nossos amigos, não vem sempre da bondade da nossa índole, nem da amizade que lhe temos; ás mais das vezes he hum effeito do *amor-proprio*, que nos lisonja com a esperança de sermos também felizes, ou de percebermos alguma utilidade da boa fortuna dos nossos amigos.

Muitas vezes nos persuadimos poder amar algumas pessoas mais poderosas que nós, e comtudo he só o *interesse* que produz a nossa amizade: não nos damos a ellas pelo bem que pretendemos fazer-lhes, mas pelo que desejamos receber das mesmas.

#### *Arrependimento.*

O arrependimento não he tanto hum pezar do mal que temos feito, como o temor do que nos pode acontecer.

#### *Bondade.*

Não ha cousa mais rara que a verdadeira bondade: as mesmas pessoas que imaginação tella, de ordinario a praticão por condescendencia, ou fraqueza.

Faz-se muitas vezes o bem, para se poder impunemente fazer mal.

Nenhum individuo merece ser louvado pela sua bondade, se não tem a força de ser máo; toda a outra bondade não he a maior parte das vezes mais que preguiça, ou impetencia da vontade.

O verdadeiro homem honesto he o que não se pica de cousa alguma.

A intenção de não enganar jamais, nos expõe a ser muitas vezes enganados.

#### *Clemencia.*

A clemencia dos Principes não he muitas vezes se não politica, para ganhar a affeição dos povos.

A clemencia que se qualifica de virtude, se pratica humas vezes por vaidade, outras vezes por preguiça, e muitas vezes por temor, e quasi sempre por todos estes motivos simultaneos.

#### *Compaixão.*

A compaixão he muitas vezes o sentimento de nossos proprios males nos males dos outros: he huma precendencia habil das infelicidades em que podemos cair. Damos soccorros aos outros para os empenhar a nos dar iguaes em occasiões semelhantes; e os serviços que lhes prestamos, á fallar propriamente, são hum bem que nós, por avanço, fazemos a nós mesmos.

#### *Conselho.*

Ha muitas vezes menos habilidade em saber aproveitar de hum bom conselho, que em bem aconselhar a si mesmo.

Nada se dá tão liberalmente como o conselho.

Dão-se conselhos, mas não se inspira a conducta.

#### *Constancia.*

A constancia dos sabios não he mais que a arte de encerrar a sua agitação no seu coração.

Cremos muitas vezes ter constancia nas infelicidades, quando não temos mais que abatimento de espirito; soffremos-las, sem osar encarrillas, como os cobardes se deixão matar por medo de se defenderem.

Os condemnados ao ultimo supplicio algumas vezes affecto constancia e desprezo da morte; o que não he se não o temor de olha-la; de sorte que se pode dizer, que tal constancia e desprezo são para o seu espirito, e que o lenço he para os seus olhos.



### *Dignidade.*

Quando a fortuna nos surprende dando-nos hum grande lugar, sem nos ter conduzido por gritos, ou sem que nos tenhamos á elle elevado por nossas esperanças, he quasi impossivel o sustentarmos nelle bem, e parecermos dignos de occupallo.

Os grandes nomes abaixo, em lugar de elevar, aquelles que não os sabem sustentar.

Ha hum elevação que não depende da fortuna; he hum certo ar que nos distingue, e que parece destinarnos á grandes cousas; he hum preço que damos imperceptivelmente á nós mesmos: por esta qualidade he que usurpamos as atenções dos outros homens; ella, de ordinario, he a que nos põe acima delles, mais do que o nascimento, dignidades, e até o mesmo merecimento. Ha merecimento sem elevação; mas não ha elevação sem algum merecimento.

### *Felicidade.*

A felicidade está no gosto, e não nas cousas: somos felizes por termos o que amamos, e não por ter o que outros achão amavel.

### *Fidelidade.*

A felicidade que se manifesta na maior parte dos homens, não he senão huma invenção do amor-proprio para atrahir a confiança: he hum meio de nos elevar acima dos outros, e nos fazer depositarios das cousas as mais importantes.

### *Fortaleza.*

Se resistimos ás nossas paixões, he mais pela sua fraqueza, do que pela nossa fortaleza.

A força e fraqueza de espirito são mal nomeadas: com effeito ellas não são mais que a boa ou má disposição dos órgãos do corpo.

A fraqueza he mais opposta á virtude que o vicio.

A fraqueza he o unico defecto que se não pode corrigir.

Só as pessoas que tem firmeza, podem ter verdadei-

ra doçura; as que parecem doces, de ordinario não tem senão fraqueza, que facilmente se muda em acrimonia.

A timidez he hum defecto, que he perigoso objectar á alguém que se pretende corrigir.

Quando os grandes homens se deixão abater pela extensão de seus infortúnios, fazem ver, que só se sustentavão pela força de sua ambição, não pela de sua alma; e que os heróes são como os mais homens, só tendo mais vaidade.

Muitas vezes por fraqueza nos consolamos dos males, quando a razão não tem a força de nos consolar.

Todos temos assás força para suportar os males dos outros.

Temos mais força que vontade; muitas vezes, para desculparmos a nós mesmos, he que imaginamos que as cousas são impossiveis.

Vale mais empregar o nosso espirito em suportar os infortúnios que nos sobrevem, do que em prever os que nos podem acontecer.

### *Fortuna.*

A fortuna e o temperamento governão o mundo.

Não obstante a differença que parece haver entre as fortunas, ha hum certa compensação de bens e males que as fazem iguaes.

Por maiores que seão as vantagens que a natureza dá, não he ella só, mas tambem a fortuna com ella, que faz os heróes.

A fortuna dirige tudo á vantagem das pessoas á quem favorece.

A felicidade ou infelicidade dos homens não depende menos do seu temperamento que da fortuna.

Os homens se hãogeño de suas grandes acções: ellas muitas vezes não são os effeitos de grandes designos, mas os effeitos do hazard.

Parece que as nossas acções tem estrellas felizes ou infelizes, á que se devem em grande parte o louvor, ou o vituperio, que se lhes dá.

Não ha accidentes tão infelizes, de que as pessoas habéis não tirem alguma vantagem, nem tão felizes, que os imprudentes não possam converter em seu prejuizo.

O nosso merito nos atrahê a estima dos bons homens, e a nossa estrella a estima do Publico.

### *Gratidão.*

Os que desempenhão os deveres da gratidão, não se podem lisongear por isso que são reconhecedores dos Benefícios.

He grande infelicidade fazer benefícios á ingratos; porém he mal insupportavel beneficiar a mão homem.

A gratidão he como a boa fê que os Negociantes guardião no commercio: muitas vezes pagamos as nossas dividas, não porque seja justo satisfazellas, mas só a fim de mais facilmente achar pessoas que nos fação empréstimos. Não se achão ingratos, em quanto nos aclamamos em estado de fazer bem.

Os homens são sujeitos não somente a perder a lembrança dos benefícios, e das injurias, mas até a aborrecerem aquelles mesmos que os beneficiarão, e cessão de aborrecer aquelles que lhes tem feito ultrajes.

Ha homem ingrato, que he menos culpado de sua ingratidão, que o que faz o bem.

O que faz desconto no reconhecimento, que se espara dos benefícios que se tem feito, he porque o orgulho de quem dá, e o orgulho de quem recebe, não se podem ajustar sobre o prego do beneficio.

O orgulho não quer dever, e o amor proprio não quer pagar.

O bem que temos recebido de alguem requer que hajamos respeito ao mal que este nos tem feito.

O reconhecimento dos benefícios na maior parte dos homens não he senão hum forte e secreto desejo de receber maiores.

Quasi todo o mundo tem prazer em se desempenhar de pequenas obrigações; muitas pessoas tem reconhecimento dos benefícios mediores; mas quasi não ha pessoa alguma que não tenha ingratidão pelos grandes.

### *Gravidade.*

A gravidade he hum mysterio de corpo, inventado para occultar os defeitos do espirito.

### *Educação.*

A educação que se dá de ordinario aos jovens, he hum segundo amor-proprio que se lhe inspira.

### *Generosidade.*

O que parece generosidade, não he muitas vezes senão humma ambição disfarçada, que despreza pequenos interesses para ir aos maiores.

### *Gloria.*

A gloria dos homens se deve sempre medir pelos meios de que se servirão para adquirilla.

Elevamos a gloria de hums para abaxiar a de outros.

### *Humildade.*

*A humildade he a verdadeira prova das virtudes christãs:* sem ella, conservariamos todos os nossos defeitos; os quaes só são encubertos pelo orgulho que os occulta aos outros homens, e ás vezes á nós mesmos.

A humildade não he muitas vezes senão humma submissão fingida de que os homens se servem para submeter os outros; he hum artifício de orgulho, que se abaixa para se elevar; e posto se transforme em mil maneiras, jamais se disfarça melhor, e he mais capaz de enganar, do que quando se occulta debaixo da figura da humidade.

### *Hypocrisia.*

Em todas as profissões cada qual affecta hum semblante e hum exterior especial, a fim de parecer o que elle quer que se creia. Assim pode-se dizer, que o mundo não he composto se não de faryas.

Ha nas afflicções diversas sortes de hypocrisia: sob pretexto de chorar a perda de humma pessoa que nos he cara, não choramos senão a nós mesmos: nisso choramos a diminuição de nosso bem, de nosso prazer, de nossa conservação. Assim os mortos tem a honra das legimas que não correm senão para os vivos. Digo que

he huma especie de hypocrisia, porque nestas sortes de afflicções se faz engano á si mesmo. Ha outra hypocrisia que não he tão innocente, porque impoe á todo o mundo; he a afflicção de certas pessoas que aspirão á gloria de huma continua e immortal dor.... chora-se para ter a reputação de ser terno; chora-se para ser chorado; chora-se para ser conuido, em fim chora-se para evitar a vergonha de não chorar.

Ha falsidades disfarçadas, que representão tão bem a verdade, que seria julgar mal não se deixar enganar.

A simplicidade affectada he huma impostura delicada.

Amamos sempre aquelles que nos admirão, e não amamos sempre aquelles que admiraamos.

Prometemos conforme ás nossas esperanças, e cumprimos conforme aos nossos temores.

O desprezo das riquezas era nos philosophos huma desção occulto de vingar o seu merecimento da injustiça da fortuna, desdenhando os bens de que ella os privava: era um segredo para se assegurarem contra o aviltamento da pobreza: era hum caminho extraviado para subirem á consideração que não podião ter pelas riquezas.

He difficil certificar, se hum procedimento sincero e honesto he o effeito da probidade ou da habilitade.

O mundo recompensa ás mais das vezes antes as apparencias do merito, que o merito real.

### Innocencia.

A innocencia não acha tanta protecção como o crime.

Ha crimes que vem a ser innocentes, e até gloriosos, pelo seu numero, e excesso. Porisso as *ladrocinias publicas* se reputão *habilitades*, e tomar provincias injustamente, se chama *fazer conquistas*.

### Interesse.

O interesse falla todas as sortes de linguas, e apresenta todas as sortes de farras, até a do *desinteresseado*.

As virtudes se perdem no interesse, como os rios no mar.

O interesse que cega a hums, faz a luz dos outros. O interesse põe em obra todas as sortes de vícios e virtudes.

Hum homem habil deve regular o predicamento de seus interesses, e conduzir cada hum na sua ordem. A nossa avidez muitas vezes a turba, fazendo-nos correr á tantas cousas ao mesmo tempo, que, por desfejar demastado as menos importantes, vimos a ter falta das mais consideraveis.

Os mais habéis affectão toda a sua vida condemnar a lisonja, para se servirem della em alguma grande occasião, e por algum grande interesse.

Não se gosta de louvar aos outros, e não se louva a pessoa alguma sem interesse. O louvor he huma lisonja habil, occulta, delicada, que satisfaz diffirentemente a quem o dá, e a quem o recebe; hum o toma, como premio de seu merito; e outro o dá para fazer que se reconheça a sua equidade, e o seu discernimento.

O bom natural, que se louva de tor tanta sensibilidade, he muitas vezes suffocado pelo menor interesse.

A razão de muitas vezes nos descontentamos dos Negociantes, he que elles abandonão quasi sempre o interesse de seus amigos pelo interesse de seu negocio.

O interesse que se accusa como a causa de todos os nossos crimes, muitas vezes merece ser louvado em nossas boas acções.

### Inveja.

O mais verdadeiro signal de ter nascido com grandes qualidades, he ter nascido sem inveja.

A nossa inveja dura sempre mais longo tempo que a felicidade daquelles que invejamos.

A jelsia he justa e racional de alguma maneira; pois que não tende senão a conservar o bem que nos pertence, ou que pensamos que nos pertence; a inveja porém he hum furor, que não pode suportar o bem dos outros.

Ha mais gentes sem interesse do que sem inveja.

A inveja he mais irreconciliavel que o odio.

Muitas vezes tem-se variavel das paixões as mais criminosas, mas a inveja he huma paixão trinda, e vergonhosa, que ninguém jamais se atreve a confessar.

O orgulho que nos inspira tanta inveja, muitas vezes também nos serve para moderalla.

### *Justiça.*

O amor da justiça na maior parte dos homens he so o temor de soffrer injustiça.

A justiça não he muitas vezes se não hum vivo receio de que não se nos tire o que nos pertence : dahi provém a consideração e o respeito que temos por todos os interesses do proximo, e a escriptulosa attenção a não causar lle prejuizo algum : este temor retém os homens nos limites dos bens, que o nascimento ou a fortuna lhes tem dado ; e, sem este temor, farião continuos cerosos hums sobre os outros.

A justiça nos juizes que são moderados, não he se não o amor de sua elevação.

Não obstante a disposição, que o mundo tem de julgar mal, todavia á maior parte das vezes antes se faz graça ao falso merecimento, que justiça ao verdadeiro. Condenma-se a injustiça, não pela aversão que se tem por ella, mas pelo prejuizo que da mesma resultaria.

### *Liberalidade.*

O que se chama liberalidade não he á mais das vezes senão a vaidade de dar, a qual estimamos mais de que o que doamos.

### *Louvor.*

Ha pessoas que se approvão no mundo que não tem outro merecimento se não os vícios que servem ao Commercio da vida.

A repulsa do louvor he hum desejo de ser louvado duas vezes.

O desejo de merecer os louvores que se nos dão, *fortifica a nossa virtude*: os que se dão ao espirito, ao valor, e a belleza, contribuem a augmentallos.

He de alguma sorte tomar parte nas bellas acções o louvalas de bom coração.

(1) signal de hum merecimento extraordinario he o ver, que os que mais o invejão, são constrangidos a louvallo.

Louvar os Principes por virtudes que não tem, he dizer-lhes impunemente injurias.

Ha censuras que louvão, e louvores que malizem.

O odio aos validos dos Principes não he outra coisa mais do que o desejo do favor dos mesmos Principes. O despeito de não possuir o valimento se consola e suaviza pelo desprezo que se mostra a quem o possui.

A hsonja he huma moeda falsa, que só tem curso pela nossa vaidade.

Crê-se muitas vezes aborrecer a hsonja; mas se se aborrece pela maneira de hsonjeiar.

A galantaria de espirito consiste em dizer cousas hsonjeiras de maneira delicada.

Não se teria prazer, se nunca se fizesse hsonja.

### *Magnanimidade.*

A magnanimidade he assaz bem definida pelo seu mesmo nome: commudo poder se hia dizer, que ella he o bom senso do orgulho, e a via mais nobre de receber louvores.

A magnanimidade despreza tudo para ter tudo.

### *Matrimonio.*

Ha bons matrimonios, mas poucos deliciosos.

### *Moderação.*

A moderação he como a sobriedade: desajar-se hia comer mais; porém tem-se que faça mal.

A moderação na boa fortuna não he de ordinario mais que o temor da vergonha, que segue ao arrebatamento, ou o medo de se perder o que já se possui.

A moderação das pessoas felizes vem da serenidade que a boa fortuna dá ao seu temperamento.

A moderação he hum temor de calir na inveja, e no desprezo que merecem os que se embriagão de sua felicidade; he huma vã ostentação da força de nosso

espírito: em fim a moderação dos homens na sua maior elevação he o desejo de parecer maiores que a sua fortuna.

### *Orgulho.*

O orgulho he igual em todos os homens; não ha differença se não nos meios, e nos modos de o manifestar.

O orgulho tem mais parte que a bondade nas representações que fazemos aos que commetterão faltas: não as fazemos tanto para se corrigirem, como para lhes mostrarmos que somos isentos dellas.

O mesmo orgulho que nos faz condemnar os defeitos de que nos julgamos isentos, nos instiga a desprezar as boas qualidades que não temos.

He mais por orgulho, do que por falta de luzes que os homens se expõe com tanta obstinação ás opiniões as mais seguras: achão os primeiros lugares tomados no *bon partito*, e não querem os ultimos.

A promptidão em crer o mal sem o ter examinado, he effeito do orgulho, e da preguiça. Queremos achar culpado, e não queremos ter o trabalho de examinar os crimes.

Se não tivessemos orgulho, não nos queixariamos do orgulho dos outros.

Parece que a natureza, que tão sabiamente dispoz todos os órgãos do nosso corpo para nos fazer felizes, também nos tem dado o orgulho para nos poupar a dor de conhecer as nossas imperfeições.

### *Perservação.*

A perservação não he digna de louvor, nem de vitupério; porque não he senão a duração dos gostos e sentimentos, que não se tirão, nem se dão.

Ha humia inconstancia nos homens que vem da leveza do espirito, ou da sua fraqueza, que lhes faz receber todas as opiniões dos outros; ha humia especie de inconstancia que he mais desculpavel, e he a que provém do desgosto das cousas.

### *Preguiça.*

He engano crer que só paixões violentas, como a

ambição, e o amor, podem triumphar das outras. A preguiça, não obstante toda a sua languidez, muitas vezes não deixa de ser a senhora: ella usurpa sobre todos os designios, e sobre todas as acções da vida; ella destroe, e consome insensivelmente, as paixões, e as virtudes.

### *Prudencia.*

Não ha elogios que senão tenham dado á prudencia. somnido, por maior que ella seja, não nos poderia assegurar do menor successo; porque ella se exerce sobre o homem, que he o ente o mais mudavel do mundo. He mais facil ser prudente para os outros, do que o ser prudente para si.

Poucas pessoas são assaz prudentes para preferirem a censura que lhes he uil, á lisonja que as atrahia.

A imprudencia nos acompanha em todos os tempos da vida: se alguém parece mais prudente, he porque as suas louvores são proporcionados á sua idade, e á sua fortuna.

### *Qualidades.*

O mal que fazemos não nos atrahie tantas persguições, como as nossas boas qualidades.

Exaggeramos as boas qualidades dos outros, mais pela estima dos nossos proprios sentimentos, do que pela estima de seu merecimento: queremos atrahir louvores, quando parece que lhos damos.

Ha más qualidades que fazem os grandes talentos. Todas as nossas qualidades são incertas e duvidosas, tanto no bem, como no mal, e estão quasi todas á mercê das occasiões.

Não basta ter grandes qualidades; he preciso ter economia.

A avareza he mais opposta á economia que a liberalidade.

A arte de saber pôr em obra qualidades melhores, tira-lhes a estimacão; porém muitas vezes dá mais reputação que o verdadeiro-merecimento.



*Reconciliação.*

A reconciliação com os nossos inimigos não he se não o desejo de fazer melhor a nossa condicção, o cansaço da guerra, e o temor de algum máo successo.

*Sinceridade.*

A sinceridade he huma abertura de coração: acha-se em poucas pessoas; e a que se vê, de ordinario não he mais que huma fina dissimulação, para attrahir a confiança dos outros.

Nada he menos sincero que a maneira de pedir e dar conselhos: o que os pede, parece ter confiança res- petuosa nos sentimentos de seu amigo, ainda que elle só pretenda fazer lhe approvar os seus, e constituy-lo fiador da propria conducta; e o que dá o conselho, paga a confiança, que o outro lhe testimunha, com zelo ardente e desinteressado, bem que ás mais das vezes nos conselhos que dá, não tem em vista senão o seu interesse, e a sua gloria.

As pessoas fracas não podem ser sincéras.

Senos tão acostumados a nos disfarçar aos outros, que por fim nos disfarçamos a nós mesmos.

Confessamos os nossos defeitos, para reparar pela nossa sinceridade o mal que temos feito no espirito dos outros.

O que faz ver que os homens conhecem os seus defeitos mais do que se pensa, he que, quando fallão de sua conducta, mostram que jamais tem obrado mal: o mesmo amor proprio que de ordinario os cega, os esclarece então, e lhes dá visias tão justas, que lhes faz supprimir ou disfarçar as menores cousas que podem ser condemnadas.

*Valor.*

O amor da gloria, o temor da vergonha, o desejo de fazer fortuna, e o desejo de fazer a nossa vida comoda e agradável, e a ansia de abaixar os outros, são muitas vezes as causas do *valor* tão celebrado entre os homens.

O valor nos soldados simples he humo mestier peri-

cioso, que só se tomou para ganhar a vida, e o periculo valor e a cobardia são dous extrictos a que raras vezes se chegou: o espaço que ha entre elles he vasto, e contém todas as outras especies de coragem. Entre elles não ha menos differenças que entre rostos e temperamentos.

O perfeito valor he o daquille que faz sem testemunhas o que seria capaz de fazer diante de todo o mundo.

A intepidez he huma força extraordinaria d' alma, que a eleva acima das perturbacões, desordens, e an-nuella: por esta força he que os heros se sustentão em estado sereno, e conservão o livre uso de sua razão nos accidentes os mais espantosos, e os mais terriveis.

A maior parte dos homens se expõem assaz na guerra para salvar a sua honra; mas poucos se querem sempre expor, quanto he necessario, para se conseguirem bom effeito do desigño para que elles se expõem.

Não se quer perder a vida, e quer-se adquirir gloria: isto faz que os homens bravos tem mais astucia de espirito para evitar a morte, do que os que vivem da trapaya para conservar os seus bens.

*Vellicia.*

Os Velhos gostão de dar bons preceitos, para se consolarem de não se verem mais em estado de dar máos exemplos.

*Verdade.*

A verdade não faz tanto bem, como ás suas apparencias forem mal no mundo.

A aversão á mentira he muitas vezes humo imperceptivel ambicção de fazer os nossos testemunhos dignos de consideração, e attrahir ás nossas palavras hum respeito de religio.

A nossa disconfinça justifica a fraude dos outros.

*Vergonha.*

Teriamos muitas vezes vergonha das nossas mais be-

las acções, se o mundo visse todos os maiores que as produzem.

#### *Virtude.*

A vaidade, a vergonha, e sobretudo o temperamento, constituem muitas vezes o valor dos homens, e a virtude das mulheres.

Os vícios entrão na composição das virtudes, como os venenos entrão na composição dos remédios. A prudencia os ajunta e tempera, e delles se serve utilmente contra os males da vida.

Não se despreza a todos que tem vícios; mas desprezo se a todos que não tem virtude alguma.

O nome da virtude serve ao interesse tão utilmente como os vícios.

A virtude não iria tão longe, se a vaidade não lhe fizesse companhia.

São precizas maiores virtudes para sustentar a boa fortuna, do que para sustentar a má.

Quando só a preguiça e a timidez nos retém em o nosso dever, muitas vezes faz-se disso toda a honra á nossa virtude.

O que nos impede muitas vezes de nos abandonarmos á hum só vício, he o termos muitos vícios.

Ha certos defeitos, que, sendo bem modificados, brillão mais que a mesma virtude.

Só pertence aos grandes homens ter grandes defeitos. As pessoas felizes não se corrigem jamais: ellas cêem sempre ter razão, quando a fortuna sustenta a má conducta.

Quando os vícios nos deixão, lisongeamo-nos que nós somos os que os deixamos.

Por maior cuidado que se tome para encubrir as paixões por apparencias de piedade, e de honra, ellas sempre apparecem ao travez destes véos.

Os homens não vivirão muito tempo na sociedade, se não fossem enganados hums pelos outros.

Parece que a Natureza tem prescripto á cada homem, desde o seu nascimento, limites para as virtudes, e para os vícios.

He ser verdadeiramente virtuoso querer sempre ser exposto á vista dos virtuosos.

Depois de ter fallado de tantas virtudes apparentes, he rationavel dizer alguma cousa da falsidade do desprezo da morte, que os pagãos, se jactão de tirar de suas proprias forças sem a *esperança de outra vida*. Ha differença entre soffrir a morte convenientemente, e o desprezalla: o primeiro acto he assaz ordinario, mas o segundo não he jamais sincero. — A necessidade de morrer fazia toda a constancia dos philosophos antigos: elles crião que devião ir de boa vontade aonde não poderiam impedir que fossem; e não podendo eternizar a sua vida, não lhes restava outra cousa que eternisar a sua reputação. — A gloria de morrer com firmeza, a esperança de ser chorado, o desejo de deixar boa fama, o seguro de libertar-se das misérias da vida, e de não depender mais do capricho da fortuna, são remédios que não se devem rejeitar.

#### *Apologia.*

Transcrevi esta porção das *Maximas da Moral Mundana*, para que os que acceherem no coração a seguinte synopse da *Moral Christã*, sabião executar a Monitoria do seu Divino Mestre — *sede cunctidos como as pombas, e prudentes como as serpentes*.

### CAPITULO II.

#### *Da Moral Christã.*

Reconhecendo, que, nos essenciaes dogmas da Moral, não se pode dizer, que algum sabio e Legislador tenha feito *descubertas*, propriamente ditas, como se tem feito na Physica; com tudo não se pôde em boa fé contestar, que a Moral Christã, ensinada no Evangelho pelo Salvador do Mundo para a Regeneração da corrupta Humanidade, tem hum *caracter primitivo*; e he, em pontos cardaes, contraria, não só á *Moral Mundana*, descripta no capitulo antecedente, mas tambem á *Moral Estoica*, tão afamada, e seguida pelos mais illustres heroes e philosophos do Imperio Grego e Romano, que mais se distinguio em civilisação.

As differenças principaes da Moral Christã á res-

poito da Moral de todos os Povos, consistem nos seguintes artigos.

I. Ordenar o cumprimento dos deveres da Sociedade e Religião, pura e simplesmente, para cordial observância da manifestada vontade de Deos, e tendo se amor á Deos sobre todas as cousas, sem vistas de interesse mundano, nem de louvor, fama, e consideração dos homens, só requerendo o culto do coração, adoração de Deos em espirito, e verdade, e boas obras de justiça e caridade.

II. Dar *efficaz* sanção contra os vícios, e *motivo adequado* para as virtudes, certificando o Dogma da immortalidade d'alma, e da justa retribuição dos bons e máos no estado futuro e eterno, sobre que antes ainda os mais eminentes e pios escriptores vacillavão; ensinando a formula de oração mais breve e energica para propiciar a Divindade, e implorar a sua clemencia.

III. Reprovar as qualidades, que ordinariamente attribuem a estima e admiração do Gênero Humano, como a altivez, vingança, implacabilidade, contenda, que, nos seus geraes effeitos, tem sido prejudiciaes á paz e felicidade das Nações.

IV. Recomendar a *passiva coragem* dos soffrimentos, paciencia das affrentas, perdão das injurias, humildade, mansidão, não-resistencia, reconciliação, concórdia.

V. Determinar a geral benevolencia, e ainda o beneficio e amor dos inimigos, aconselhando orar a Deos pelos nossos perseguidores, e calumniadores.

VI. Reintegrar a primordial pureza, harmonia, e perpetuidade, do estado conjugal, dizendo, que, se Moisés concedera o *libello de repúdio*, só fôra pela dureza do coração dos Israelitas, e que *ao principio não foi assim*.

VII. Prescrever a regulação dos pensamentos, para se impedir o desenvolvimento da força das tentações pelas *maes cogitações*.

VIII. Não impôr austeridades desnecessarias, antes franquear, e até authorizar com o seu exemplo, a complacencia e convivialidade nas companhias, e casas de ricos e pobres, ainda de publicanos e peccadores: condemnando affectada tristeza, e cerimonia da ambigüidade, exercendo toda a especie de hypocristia, e arguindo ainda aos discipulos a *jeria da intolerancia*.

IX. Universalizar a doutrina da Benevolencia, para se beneficiar toda a creatura, ainda no dia destinado a cessação dos trabalhos, exemplificando até com o caso da *ovelha cabida na cova*, á que se deve logo acudir, concluindo, que, em todo o tempo, *he lícito bem-fazer*, e aconselhando o procurar aproximar-nos á Divina Perfeição.

X. Annunciar a necessidade de arrependimento das culpas, e de perseverança nas virtudes, não dando falsas expectativas de felicidade na vida eterna aos que morrem impenitentes, só fados na Misericordia Divina.

Eis os mais sustanciaes capitulos da Moral Christã! Que outra tão espirital, e com tão maravilhosa originalidade, se tem escripto e pregado, mais conforme á Magestade de Deos, e á dignidade do homem?

Se os homens observassem estas *regras da vida*, he de viva evidencia, e racional esperança, que a Sociedade Civil seria da mais apurada moral, e toda a especie Humana se mostraria humna Companhia de Irmãos.

### C A P I T U L O. III.

*Necessidade da Religião, e Excellencia da Moral Christã.*

**H**E de cordial complacencia aos que desejão o progresso da Religião Catholica, o ver que no *Reino Christianissimo* da França, onde no seculo passado abortarão tantos Escriptores inimigos da Lei Evangelica, que até chegarão ao delirio de negar a existencia do Fundador da quella Religião \*, nosso Senhor Jesus Christo, depois do Restabelecimento da Monarchia, e da Paz Geral; neste seculo ténho apparecido obras orthodoxas, com que se tem procurado reparar os males que a Revolução fez á Christandade, e á Civilisação. Entre

\* *Volney* na sua obra sobre as *Ruínas dos Imperios* diz, que *Christo* he nome emblematico do culto do sol; e *Diogenes* na sua obra sobre a *Origem dos cultos* diz, que os doze Apostolos são *symbols* dos doze Signos do Zodiaco! Que impostores são taes Escriptores! Bastão os classicos Latinos *Suetonio* e *Tacito* para os desmentir.

elle se distingue a obra de Mr. *Maschbau*, dada á luz em Paris em 1821, com o titulo de — *Esprit des Institutions Politiques* — Ainda que o seu objecto principal he expor as bases da boa Organisação dos Governos Legitimos, contudo, indicando entre ellas a Moral e Religião, assigna no tom. I. Liv. VI. cap. I. e IV. de cilar a sua opinião, bem digna de ser attendida, e recorda pela Mocidade Brasileira.

Religião he a Lei Natural, que, unindo o homem á Deos, como a seu soberano Senhor, Juiz, e Pai, ensina-lhe, que a sua alma não morre na dissolução do corpo, mas somente muda de vida, não sendo os dias que passa sobre a terra senão o crepusculo da sua immortalidade.

Quantos esforços deploraveis se tem feito para tirar a religião ao homem! Porém que tem resultado? Res-se mal immenso; *abalarda-se os fundamentos da Moral*: mas o homem ficou religioso. Poder-se-ha ainda fazer muito mal: mas esse *projecto impio* se hade mallograr sempre; porque o *homem he religioso por natureza*.

He impossivel tirar ao homem a religião, como a esperança: pois que ambas são necessarias á sua felicidade. Quando se reflecte sobre os males de que está cheia esta triste vida, guerra, a não ser detalhado, ou demente, poderá desajalla sem esperar por melhor vida?

A Religião anima os homens para o bem, os desvia do mal, e consola os infelizes. Só ella pede pagar os heroicos sacrificios, que a sociedade algumas vezes requer, e inspirar a retribuição do Reconhecimento Publico ás almas generosas: sendo amiga dos homens mantendo-lhes a existencia, e sendo amiga da sociedade mantendo os bons costumes, segura a paz, supprime as leis, e, não fazendo mal algum, opera bens infinitos, que sem ella não gosariamos.

Alheos politicos desejo fazer concordata com a Religião. Reconhecendo a necessidade de Religião para os ignorantes, penso ao mesmo tempo, que ella não he necessaria ás pessoas de luzes: como se estivesse no poder das luzes o mudarem a nossa natureza, e libertar-nos da condição da Humanidade. A Religião he humana necessidade á todos os homens, porque todos tem necessidade de suas esperanças.

Não nos enganemos sobre a verdadeira influencia das luzes. Ainda que haja huma prudencia sublime na virtude, todavia nem tudo nella he prudencia, ao menos quanto ao interesse desta vida; he prudencia, ao mesmo tempo, a virtude de se não deixar levar ao effeito das luzes, que he unicamente o fazer os homens mais circumspectos, a fim de que aos conselhos erroneos das paixões prevaleça o calculo de sua *felicidade temporal*; o que de certo he grande bem. Mas o effeito das luzes não he fazer que os homens desprezem essa felicidade, e conduzillos a virtude da *abnegação de si proprios*, abnegação alias, que á virtude pode exigir sem equivocar, ou sem alguma real compensação, até com sacrificio da vida, pois que não pode haver compensação para huma pessoa que se aniquila.

He logo preciso, que hum enthusiasmo magnanimo, transpondo o homem alem de si, o desvie, na carreira da probidade, de todas as considerações do proprio interesse; ora, para tal effeito, as luzes são pouco favoraveis. Na verdade a experiencia prova, que, quanto mais o homem se illumina, tanto menos he susceptivel de paixões irrationaes. Tendo-se grandes conhecimentos, e métodos apertados, se forma o habito de circumspecção, e de duvida. Porém o *espírito de calculo*, posto que bom em si, sendo todavia tão capaz de acanhar as almas, quando concentra as suas vistas na vida presente, como de engrandecer as mesmas almas, quando comprehende a immortalidade na vida futura, quando com-de conducta, vem por grãos a apoderar-se inteiramente dos homens, e em consequencia, á esse mesmo espirito de calculo tambem faz a *monta das seus deveres*. Desde a epocha em que se inculta esse mal intitulado Projecto Philosophico, he que se pretende sujeitar a Moral ao calculo do interesse.

Ha naturalmente huma distancia immensa entre os pensamentos do ente que espera ser immortal, e os pensamentos do ente que não vê outra perspectiva que a Terra, e o Nada.

Leitor! Basta dizeres: se mais o genero Humano, o vosso Pai, e a vos mórtao, bendizai a Religião. Jesus foi o primeiro, que separou a Religião da Politica, e que fez huma *Instituição de Moral Univer-*

*sed, propria a se applicat á todos os tempos, á todos os lugares, á todos os Governos. Rile a reduzio á este precito = ama a Deos sobre tudo, e a teu proximo como a ti mesmo = ; entendendo por proximo todos os homens, sem exceptuar hum só, e nem ainda os inimigos; e, quanto ao mais, deixando os negocios deste mundo no estado em que os havia achado; ordenando aos escravos obedeçerem á seus senhores, aos senhores serem justos e bons para os seus escravos; annunciando á todos os juizes de Deos, diante do qual grandes, pequenos, iguaes, confundidos em algum dia, não serão mais distinctos senão pelas suas obras.*

“Aniquilou realmente na pratica de suas maxims o despotismo que elle parecia respeitar. Com effeito, a caridade, a humidade, que elle tanto recommendou aos seus discipulos, são igualmente incompativeis com a dureza da escravidão, e o orgulho da tyrannia. Desta maneira a sua admiravel Instituição, feita igualmente para o presente, e para o futuro, evitava todas as censuras, e conciliava todos os votos; e, sem turbar em cousa alguma a paz do mundo, preparou os homens para a liberdade.

“Mas, ainda que fosse admiravel a Instituição Christã, ella tinha necessidade do soccorro das Leis: se a Religião vai até o coração, onde as leis não podem penetrar, as leis retém os braços, o que a Religião não pôde fazer.

“Isto mesmo ainda não basta: he preciso demais, que o homem seja esclarecido. Se o não fór, elle se servirá, para authorizar as suas paixões, da mesma Religião que as condemna; e as suas leis terão o cunho de sua ignorancia e de seus erros. As leis não podem obter o seu fim, se não forem providentes e sábias. Junctam, sendo os homens sem luzes, e sendo a Religião mal entendida, ella não sustentará bem as leis; e sendo as leis barbaras, sustentarão mal a Religião. Em huma palayra: se o homem fór ignorante, a Religião a mais admiravel corre risco de degenerar nas suas mãos; e, devendo ser o instrumento do bem, como o he por sua natureza, virá a ser hum instrumento do mal pelas nossas paixões.

“De todas as doutrinas capazes de inspirar hu-

manidade, que outra a ensina melhor que o Christianismo, o qual nos representa o Genero Humano, como huma Familia, de que Deos he o Pai, e como hum só Corpo de que elle he a Cabeça; descorre que offender, ou separar os homens, he fazer diacurar os membros do seu Pai commun? Pondo em fim toda a Moral no amor do proximo, e toda a Religião no amor de Deos, transforma em amor toda a existencia de seus discipulos. Ora quem ama, como bem disse S. Paulo, *não busca mais o seu interesse*, mas o do objecto que elle ama. Huma sociedade de verdadeiros Christãos teria realzado a fábula da idade de ouro nesta infeliz Terra.

Se o Christianismo não tem produzido este effeito, he porque as nossas paixões são mais poderosas que as nossas doutrinas. Mas, ainda assim, em toda a parte onde os homens não se fizeão surdos á voz do Evangelho, que espantosas reformas esta vez não tem operado em todo o Universo? Os sacrificios humanos, os espectaculos dos gladiadores, a exposição á morte das crianças, e muitos outros costumes férozes, desaparecerão para sempre.

#### C A P I T U L O . IV.

##### *Das Evidencias da Divina Revelação Evangelica.*

Deos virá manifestamente.

*Paulm. XLIX. V. 2.*

**A**S *Sociedades da Biblia*, que se achão estabelecidas em quasi todos os Estados da Europa, e dos Estados Unidos d'America do Norte, não só nas Capitães, mas tambem em muitas Grandes Cidades civilisadas, afim de fazerem traduzir, e propagar por todas as Nações da Terra, a Sagrada Escripçura, distribuindo-se gratuitamente aos pobres, fórmão admiravel Confederação Religiosa, para, só com as luzes do Evangelho de Gloria á Deos, e paz aos homens benevoios, que revelou o *Salvador do Mundo*, se extinguir a idolatria, confundi a incredulidade, e communiar até os confins da Terra o Beneficio da Redempção do Genero Humano. Como podia, sem força, nem arte, formar-se esta *Legião Vastavel de Espíritos* Hebreos á beira da Humanidade, se a mais letuada gente



não tivesse a última convicção da verdade da Divina Revelação, que por tantos modos se apresenta em o Velho, e Novo Testamento? Os Impios, Inféis, e Immoraes, presentemente, mal em claudescidos concilíbrios lém e communhão os livros dos Corphéas da Irreligião e Anarchia, com que se tentou no seculo passado compilar a desmoralisação, e corrupção dos *filhos da Perdição*.

Os Apologistas da Religião Christã se tem empenhado em demonstrar as *evidencias externas e internas da Missão Divina do Messias*, Mestre da Lei Evangelica, que em varios Livros Propheticos da Sagrada Escripura havia sido annunciada com os Maestrosos titulos de — *Deus, Criador das Gentes, Justo, Filho da Altissimo, Principe da Paz, Director, Redemptor, Libertador, Salvador do Mundo*.

As *evidencias externas* são os que se manifestão pelas provas da authenticidade das Sagradas Escripuras, e até pelos Testemunhos dos Escriptores Gentios. Isso exige volumes, e está fora do meu proposito.

Indicarei sômente algumas *evidencias internas*, que refulgem em notaveis *passagens do Evangelho*, que não se encontram em livro algum de Religião das Nações mais civilizadas.

*Conflicto e Zoroastre* na Ásia, *Zenão*, e *Secretos* na Europa, que, pela fama de sabedoria, e credito Nacional, estabelecerão Systemas Religiosos, ou fundarão Escolas Moraes, não se propõem a abolição da Idolatria, Polygamia, e Malicia, que predominavão no Mundo, e nem tiveram sensivel influencia em diminuir as enormidades e sanguinarias praticas do Gentilismo.

Jesus Christo, pobre e simples paizano da Judá, não constando onde adquirisse instrucção, projectou, e conseguiu, destruir em breve tempo a Religião Pagã no Imperio Romano, então o mais poderoso, e civilizado, estabelecido nas tres antes conhecidas partes do Globo, e isso sem a menor ajuda, antes com mortifera opposição dos Doutores, de seu proprio paiz, e de todos os Povos e Potentados da Terra. Elle disse: Em mim se verifício as prophetias: e repetiu publicamente em Jerusalem perante a plebe, e Synagoga = Sou Filho de Deos; e venho annunciar aos homens penitencia, e remissão dos peccados, convertendo-se em tempo, e regenerando a sua vida, baptizando-se, e crendo no meu Evangelho: aqui fui mandado por meu Pai Divino para *Revelação das Gentes*: o que crer e pensar

ver até o fim, precedendo com justiça e caridade, será salvo com gloria immortal no Céo; o que obrar mal, será condemnado com pena eterna no Inferno. =

Jesus Christo, pobre e simples paizano da Judá, fez assim o Projecto de derribar a Idolatria estabelecida na Europa, Ásia, e Africa, e executar o Plano por todo o Mundo, e em seu lugar substituir huma *Religião Theistica*, e da mais *boa moral*, com excellencia nuna en vista nos institutos e escriptos dos maiores Legisladores e Sabios. Para esse prodigioso effeito, não teve por coadjutores, senão doze discipulos, rudes peccadores, que chamou para igual misto, não lhes prometendo vantagem alguma mundana, antes predizendo-lhe incessante e tyrannica perseguição, e ignominiosa morte, pela furia do povo, e das Potencias de todas as Nações, só dando-lhes a expectativa de coroa de gloria no Céo.

Es *Character Original*! Isto não tem parallelo na Historia dos seculos. Estas considerações por si só manifestão, que a promulgação e propagação da Lei Evangelica foi obra sobrehumana, e não se pode, em boa razão, attribuir á outra causa senão á misericordiosa providencia do seu Divino Author, que assim quiz reformar e salvar o Genero Humano.

Muitos pios e doutos Escriptores tem demonstrado as *Evidencias da Revelação Divina*, distinguindo as *evidencias externas* dos Testemunhos e Monumentos que certifião a verdade do Velho e Novo Testamento; das *evidencias internas*, que se deduzem da intuitiva sublimidade das doutrinas, especialmente dos Livros dos Evangelistas, e dos Actos, e Epistolas, dos Apostolos, que a Igreja Catholica sempre reconhece por genuinos e canonicos. Aqui só apontarei algumas das mais obvias evidencias. Para os incredulos, ou duvidosos, farei as seguintes ponderações.

Que Metaphysico jámais declarou com tão decisiva these a Essencia Divina, como o nosso Salvador dizendo = *Deos he Espirito*, e *Pai de todos os homens*?

Que Theologo melhor explicou a infinita esphera da Omnipotencia Divina do que como Elle dizendo = *Todos os caballos da cabra estão contados; nenhum delles cule sem ordem do Pai celeste*?

Que Mathematico fez equação de valores, e equilibrio

de balança; como Elle dizendo = *Que aproveita ao homem lucrar todo o Mundo, e perder a sua alma?*

(Que Philosopho deo melhor lição de Tolerancia do que Elle dando aos discipulos que requerito o fogo do Ceu contra os incredulos de sua doutrina = *não sabeis de que espirito sois = Deos faz nascer o seu Sol, e cahir a sua chuva, igualmente sobre os bons e sobre os malos?*)

Que Philanthropo deo mais sublime norma de caridade desinteressada do que Elle, dizendo = quando deres esmolla, não saibas a tua mão direita, o que faz a tua mão esquerda?

Que Orador arguo com maior vehemencia a hyprocisia (vicio tão dominante) como Elle dizendo — *Ay de vós Scribes e Phariseos, que só ostentais purra no exterior, e sois no interior cheios de hyprocisia e iniquidade, assemeihando-vos á Siquituros caindas por fora, só achando-se dentro assida, e immanhita?*

Que Politico tão providentemente seguiu a Ordem Publica, e a Concorria do Soccedocio e Imperio, contra a rebelia, soberba, insubordinação, do que elle dizendo — *Dai á Deos o que he de Deos, e á Cesar o que he de Cesar — Quem se humilha, sera exaltado; quem se exalta, será humilhado — e*

## CAPITULO V.

### Observações sobre a Doutrina do Evangelho.

O Ecclesiastico Escripior Inglez, *William Paley*, na sua obra das *Evidencias da Religião Christã* — bem mostra a excellencia da Doutrina do Evangelho. Valer-me-hei de suas observações em quatro pontos cardaes: Amor de Deos; Oração Dominical; Governo dos Pensamentos; Perdo das Offensas.

„Amoris a teu Deos com todo o teu coração, com todo o teu espirito, com todo o esforço de tuas faculdades. Este he o primeiro e o Grande Mandamento; to; o segundo he semelhante á elle — amaris a teu proximo como a ti mesmo — nestes dous Mandamentos se encerra toda a Lei e Propheticia.”

Ham philosopho moral não podia citar melhor todo o Symbolo Evangelico.

Este precetto cardinal fez tanta impressão nos Apostolos, que S. Pedro, \* S. Paulo, e S. João, o imitão, quasi pelos mesmos termos, nas respectivas Epistolas. Este Evangelista diz com a sua particular curadura — *Quem ama a Deos, ama também a seu irmão.* \*\*

A Oração Dominical he uma modelo de supplexia ao Creador, da maior brevidade, e profundidade, sócia a fraqueza da nossa indole, tibieza de creação, e importância de requerimentos; por isso deo a regra de não presumirmos de pedir e obter de Deos com muitas arengas (multiloquio) o que necessitamos; porque elle bem sabe as nossas precissões. Portanto ensinou a formula a mais comprehensiva e selenare, que nunca occorreo á algum Hierophanta, Mystico, ou Liturgico de qualquer Religião.

A Regulação dos pensamentos he necessaria á cura radical dos vicios e crimes, visto que diz o nosso Salvador — *do coração he que procedem as más cogitações, os homicidios, furtos, lascivias &c.;* — o que cilia para mulher com terço vilidiosa, ja violou a castidade. —

O Systema Moral, que só prohibe as acções, e deixa em liberdade os pensamentos, não he efficaz para segurar a virtude. O conhecimento da constituição do homem, e a experiencia do seu proceder, contribuem para esta verdade. O Grande Physiologista *Boerhaave*, fallando da dita Doutrina, diz, que até nella mostrou o nosso Salvador, que conhecia melhor que Socrates ao Genero Humano. — O insigne Medico *Haller*, commentando esta passagem de *Boerhaave*, assim reflecte: „não escapou á perpescacia do nosso Salvador, que a repulsa de todo o máo pensamento he a melhor sentinella contra o vicio; porque, quando entrão no espirito ideas licenciosas, estas estimulam os desejos desordenados em tal grão de violencia, que se não pode resistir — cada instante que se passa em meditar sobre algum peccado, augmenta o poder do objecto perigoso, que possui a nossa phantasia.”

(\*) I — 22 — Ad Rom. XIII. 9. — Gal. V. 14.  
(\*\*) I Joan. 21

Se fosse universal a disposição dos homens em não perder as ofensas, a sociedade civil seria humilde e guerra continua. Em qualquer ma scena de luta e guerra continua. Em qualquer grão que prevalecesse a observancia do preceito do perdão das ofensas, na mesma proporção se mitigariam os ressentimentos, multiplicar-se-ia as reconciliações, diminuir-se-ia as querelas, vinganças, e hostilidades; que são os grandes perturbadores da felicidade humana, e as maiores fontes das misérias da sociedade. Sem a disposição dos homens á indulgência e concórdia, as iniimizades, humas vez conegadas, serão perpetuas, cada *retaliação* exigiria novo *rebatte*, e não se poderia assignar limites á *reciprocacão* de *affontas e contumelias*.

## CAPITULO VI.

### *Refutação de Objecções.*

Os presumidos de *Espiritos Fortes*, tem feito a Religião Christãa tres capitães objecções: 1.ª que exige humma pureza de Moral impraticavel á fraqueza do homem: 2.ª que tem sido causa de Intolerancia tyrannica, horridas crueldades, e Guerras Religiosas: 3.ª que tem contra si a incredulidade de milagres.

Conta a 1.ª objecção bastará responder com o cidadão *Paley*: hum Plano de Regeneração da Humanidade não devia ser hum systema de *Excellencia Moral*?

Os que figurão no Theatro da vida, accostumados á laxidão da Moral Mundana, não se podem capacitar, de que, com habitos virtuosos, possa haver muita gente que observe a Lei Evangelica. Mas o nosso Salvador não deu Cartel á vicio algum; e no seu sermão do Monte entre os que enumera participantes da feliz immortalidade, diz ser — *os puros de coração, porque verão a Deos*. Nas classes inferiores dos povos de todos os paizes achão-se milhões e milhões de espiritos rectos, que são os perpetradores da civilização e paz dos Estados pela observancia dos *Decretos Christãos*.

### Diz o mesmo Escripitor na referida obra Parte III, capitulo VII.

A influencia da Religião Christãa não se deve procurar nos conselhos dos Principes, nas resoluções das Assembleas Populares, na conducta dos Governos a respeito de seus súbditos, e dos Estados independentes, mas sim na silenciosa conducta da vida domestica. Nesta he que cõta incessante, mas effezamente, a sua influencia, reprimindo muito a dissolução pessoal, produzindo a geral probidade nos tratos do povo, adocando as maneiras da comunidade, e occasionando esforços de laboriosa e dispendiosa beneficencia nos individuos, de que alias não ha publica noticia. O reino de Deos está dentro de nos: o que he a essencia da religião, e que dia e noite inspira devoção do coração, freio aos appetites, e observancia da vontade de Deos, he necessariamente invisivel.

O Evangelho, não só não authoriza, mas reprovaa, perseguições em materias de creença. As que se tem feito, tem sido por causa, ou consciencia erronea, e pessima logica, ou machavellica politica, e furor de dominacão. O Gentilismo, que os pseudo-philosophos louvão por sua *Tolerancia absoluta de seitas*, por ventura não teve horridas guerras civis e estrangeiras? Ainda actualmente as Nações onde não entrou o christianismo, não se fazem as mais sanguinarias hostilidades? A Polonia foi destruida por Cruzada Christãa? As calamidades da França e da Europa, commegadas no fim do seculo passado, em que perigou a ordem civil, forão causadas pelos devotos da Religião Christãa, ou pelos seus implacaveis inimigos? Quando faltassem para guerras pretextos religiosos, sempre os mortíferos elementos acharão novo *conductor*. Entre as pavorosas Lições que a malicia e miseria do Genero Humano tem dado ás gerações presentes e futuras, humma he, que, para ser perseguidor, não he necessario ser devoto; e que, com erteza, e destruição, a Infidelidade leva a palma ao Fanatismo.

A incredulidade nos milagres referidos nos Evangelhos, e Actos dos Apostolos, com o pretexto de que a Natureza he immutavel nas suas Leis, e não se

aposta algum milagre feito em tempos modernos, e pinturas illustradas, só se funda na, ainda mais absurda, incredulidade de todo o testemunho humano, quando se referem factos de monstros, e phenomenos extraordinarios, que antes não se tinham visto. Porventura vegetarianos, com sombra de razão, escriptos de testemunhos dos que primeiro referiram os phenomenos da agulha de marcar, da electricidade, do galvanismo, do eclipse do sol e lua, dos cometas? Que o, antes do descobrimento da polvor, poderia crer, que os homens seriam capazes, pela reunião de salitre, enxofre, carvão, formar (por assim dizer) de salitre, antes nunca vista, arte pyrobolica; ou diabolica, que até faz terremotos na explosão de minas?

O sobreredito *Paley*, na conclusão de sua excellente obra das — Evidencias da Religião Christã — tom. II. cap. VIII. assim recapitula a sua Demonstração.

“A verdade do Christianismo depende de tres factos, incontestaveis, de que a Historia da Especie Humana não offerece semelhantes: 1.º Facto: Humana Pessoa particular, sem poder, sem auxilio, sem influencia, ou outra qualquer circumstancia favoravel á execução do mais arduo de todos os Projectos, fundou em Jerusalem humma Nova Religião; contra a estabelecida Religião Judaica e Pagã. Tal maravilha nunca aconteceu: 2.º Facto: os companheiros dessa Pessoa, depois de ter sido ella crucificada por sentença das Authoridades do Paiz, não obstante ficaram attendidos pelo fado de seu amigo e Mestre, com dado valor sustentaram no publico, e perante as identicas Authoridades, o caracter sobrenatural do mesmo; afirmando, não só que em sua vida fizera muitos milagres, mas que elles mesmos o vião resuscitado, e haviam comido e conversado com o mesmo por quarenta dias, até serem testemunhas de sua ascensão ao ceo. Isto não tem paralelo: 3.º Facto: á despeito de opposições, ameaças, perseguições, e mortes, salta a propagar a Nova Religião pelo Mundo. Isto não tem exemplo. Estas tres factos são certos; e o serião sempre, ainda que não se tivesse escripto os Evangelhos. A Historia do Christianismo nunca varion nestes pontos: nenhuma outra foi escripta

contra elles: todas as cartas, controversas, e obras escriptas pelos sectarios desta Religião, desde o seu principio terão concordes em taes factos. — Estas tres proposições, por si só, estabelecem, os fundamentos da nossa fé.

O mesmo *Paley* \* no tom. II. cap. II. bem diz: “Todo o Novo Testamento está cheio de humma piedade; que era desconhecida dos Moralistas do Gentilismo; esta piedade, comprehende todas as virtudes de devoção; as quaes consistem; na mais profundo veneração á Deos; no habitual reconhecimento de sua bondade e protecção; na firme confiança no justo final resultado de seus conselhos e providencias; na constante disposição a recorrer em todas as occasiões á sua misericordia para supprimento das necessidades humanas, auxilio nos perigos, allivio nas penas, perdão das culpas.”

Eu tambem concluirei notando, que tanto Christo, como os seus Apostolos e discipulos, não procurarão jamais a sua gloria, mas a gloria de Deos, expondo-se á certo sacrificio da sua vida. Este facto, tambem não menos incontestavel, nos deve fortificar na mesma fé, attendendo á Regra do criterio da verdade, que nos deo o mesmo Divino Mestre da Irmã Evangelica, que S. João refere no seu Evangelho Cap. 17 v. 16 e seguintes.

“A minha doutrina não he minha, mas daquelle que me enviou. — Se algum quizer fazer a vontade

(\*) Tenho citado com especialidade a este Escripitor do corrente seculo pela originalidade de algumas das suas reflexões, e por se ter restricto aos pontos capitais da verdade da Religião Christã, sem se implicar nas controversas das varias actuaes Communhões da Christandade pelos infelizes schismas, que tem sobrevenido dos erros e paixões que motivaram a separação de alguns Estados da central União da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, Sede da Orthodoxia. Os leitores que desejarem aprofundar este assumpto, devem recorrer ás obras dos Apologetas do catholicismo, e com especialidade á *Demonstração Evangelica* do Bispo *Huet* da França, e aos escriptos do *Begier*.

„de Deos, reconhecerá, se a minha doutrina vem d'elle, ou se eu fallo de mim mesmo. — O que fallas de si mesmo, busca a propria gloria; mas aquelle que busca a gloria de quem o enviou, esse he verdadeiro, e não ha nelle injustiça.”

Parece por todo o contexto dos Evangelhos, que o nosso Salvador, que veio trazer paz ao Mundo, não querendo turbar a Ordem Politica estabelecida, conforme a qual havia extrema desigualdade de fortunas e condições dos homens, com summa sabedoria pregou a reforma dos costumes, requerendo dos discipulos a virtude da *Caridade* ou *Benevolencia Universal*, como o meio de obstar aos excessos daquelle desigualdade, e constituir ao Genero Humano hum corpo de Irmãos, e isto só com vista á Deos, e não dos homens, como era a ordinaria pratica, e fraca virtude do Gentilismo. Por isso claramente no Evangelho de S. Matheos cap. V. v. 20 deo a regra: „Eu vos digo, que se a vossa justiça não for maior e mais perfeita de que a dos Escribas, e dos Fariseos, não entrareis no Reino dos Ceos”; e no cap. VI. v. 5. 3.ª Guardai-vos não fazeis as vossas boas obras diante dos homens com o fim de serdes vistos por elles: d'outra sorte não tereis a recompensa da mão de vosso Pai que está nos Ceos.”

## CAPITULO. VII.

### *Deveres Christãos.*

Depois dos Evangelistas, que exposero o principio e fundamento da Instituição do Christianismo, os Apostolos S. Pedro e S. Paulo forão os primeiros Mestres dos Deveres Christãos nas suas Epistolas aos primeiros fieis da Igreja. Tendo mostrado a experiencia, quão fraca e incerta seja a virtude humana, praticada só pela luz da razão, sem o auxilio da Graça Divina; para mais se assegurar a observancia dos Deveres de Cidadão, convem aos que professão sinceramente a Religião Catholica, que sempre se regulem pela *Doutrina Apostolica*, que se acha alli exposta em conformidade á *Lei Evangelica*.

Por isso aqui offereço hum Extracto das ditas Epistolas, especialmente das suas *Regras Moraes*, que constituem huma *Ethica Practica* para a boa ordem civil.

### *Extractos das Epistolas de S. Paulo.*

Não vos conformeis com este seculo; mas reformai-vos em novidade de vosso espirito, para que experimenteis qual he a vontade de Deos boa, agradável, e perfeita.

Tudo quanto fizerdes, seja de palavra, ou de obra, fazei em nome do Senhor Jesus Christo, dando por elle graças a Deos o Padre. — Ou comais, ou bebeis, ou fazeis outra cousa, fazei tudo para gloria de Deos.

Se algum falla, seja com as palavras de Deos; se algum ministra, seja conforme á virtude que Deos dá, para que em todas as cousas seja Deos honrado por Jesus Christo; o qual tem a gloria, e o Imperio nos seculos dos seculos.

Nenhum opprima nem engane em nada a seu irmão; porque o Senhor he o vingador de todas estas cousas.

O que quer amar a vida, e ver os dias bons, reftee a sua lingua do mal, e os seus labios não profirão engano. — Aparte-se do mal, e faça o bem; busque a paz, e vá após della.

Porque os olhos do Senhor estão sobre os justos, e os seus ouvidos attentos aos rogos delles. Mas o rosto do Senhor está sobre os que fazem mal.

Sede todos de hum mesmo coração, compassivos, amadores da irmandade, misericordiosos, modestos, humildes.

Amai-vos reciprocamente com amor fraternal. — Adantai-vos em honrar hums aos outros.

Pagai á todos o que lhe he devido: á quem tributo, tributo; á quem imposto, imposto; á quem temor, temor; á quem honra, honra.

A' ninguém deveis cousa alguma, se não he o amor, com que vos ameis hums aos outros; porque aquelle que ama ao proximo, tem cumprido com a Lei.



Antes de todas as cousas tende entre vós mesmos *hum constante caridade; porque a caridade cobre multidão de peccados.*

Se eu tivesse o dom da prophécia, e conhecesse todos os mysterios, e quanto se pode saber; e se tivesse toda a fé até o ponto de transportar montes, e *não tiver caridade — não sou nada.*

A caridade he paciente, he benigna. A caridade não he invejosa, não obra temeraria, nem precipitadamente; não se ensoberbece; *não busca as suas proprias interesses; não suspekta mal; não folga com a injustiça, mas folga com a verdade.*

A caridade tudo tolera, toda cre, tudo espera, tudo sofre — *A caridade he o complemento da Lei, e o vinculo da perfeição.*

Irmãos, não vos deixeis enganar: as *ruins conservações corrompem os bons costumes.*

Rogamos, Irmãos, que procureis viver quietos, e que trateis do vosso negocio; que trabalheis com as vossas mãos, e que andeis honestamente com os que estão de fora, e não cubiceis cunha alguma de alguém. — A cubiça he a raiz de todos os males.

Pedimos-vos tambem, que reprehendaes os inquietos; que consoleis os pusillanimes; que supporteis os fracos; que sejais pacientes para todos.

Vede que ninguém dê a outro mal por mal; antes segui sempre o que he bom para com todos.

Temos ouvido que ha entre vós inquietos, que *nada fazem, sendo indagar o que lhes não pertence.* A estes que assim se portão, denunciámos, e rogámos ao Senhor Jesus Christo, que couão o seu pão trahando em silencio.

Se poder ser, quanto estiver da nossa parte, tende paz com todos os homens.

Não vos vindeis a vós mesmos, ó carissimos, mas dai lugar á ira; porque está escripto — *A mihi pertence a vingança; eu retribuerei*: diz o Senhor.

Antes pelo contrario, se o teu inimigo tiver fome, dai-lhe de comer; se tiver sede, dai-lhe de beber; porque, se isto fizerdes, amontareis brazas vivas sobre a sua cabeça.

Não vos deixeis vencer do mal, mas vencei o mal com o bem.

Os ricos do mundo não seão altivos, nem esperem no incerto das riquezas, mas só no Deos vivo, que nos dá abundantemente todas as cousas para nosso uso: que fação para si hum thesouro com fundamento solido para o futuro, a fim de alcançarem a verdadeira vida.

Não nos façamos cubicosos da vangloria, provocando, e invejando hums aos outros. Se algum tem presumpção de que he alguma cousa, sendo nada, seduz a si proprio.

Em quanto ha tempo, obremos o bem para com todos, e principalmente aos domesticos da fé. O que não cuida dos seus domesticos, já negou a fé, e he peor que o infiel.

Toda a pessoa seja sujeita ás Potestades superiores. Porque não ha Potestade que não venha da Deos; e as que ha, essas fôrão por Deos Ordenadas.

Aquelle pois que resiste á Potestade, resiste á ordenação de Deos; e os que lhe resistem, á si mesmos trazem a condemnação.

Porque os Principes não são para temer, quando se faz o que he bom, mas quando se faz o que he máo. Queres pois tu não temer a Potestade? obra bem, e terás lavour della mesma.

Porque o Principe he Ministro de Deos para bem teu; porque não he de balde, que elle traz a espada. Por quanto elle he Ministro de Deos, vingador em ira contra aquelle que obra mal.

He logo necessario que lhe estejais sujeitos, não sómente pelo temor do castigo, mas tan bem por obediência da consciência.

Casadas, estai sujeitas á vossos maridos, como convem ao Senhor.

Maridos, amai as vossas mulheres, não as trateis com amargura, mas com honra.

Filhos, obedeci em tudo aos vossos pais; pois isso he agradável ao Senhor.

Pais, não provoquais á indignação aos vossos filhos, para que não se fação de animo ajucucado.

Servos, obedeci em todas as cousas á vossos Srs.; não servindo-os só na presença, como por agradar aos homens, mas com sinceridade de coração; temendo a Deos. Tudo o que fizerdes, fazei de boa vontade, como quem o faz pelo Senhor, e não pelos homens; sabendo que recebereis do Senhor o galardão da herança.

Senhores prestai aos vossos escravos o que he de justiça e equidade: Sabendo todos, que cada hum, segundo o bem que fizer, assim o receberá do Senhor, seja escravo, seja livre.

E vós outros Senhores fazei isso mesmo com elles, deixando as ameaças; sabendo que o Senhor, tanto delles, como de vós, está nos Céos; e que não ha acceção de pessoas para elle.

Os que soffrem segundo a vontade de Deos, encomendem as suas almas ao seu fiel Criador, fazendo boas obras.

Velhos e moços inspirai-vos todos a humildade hums aos outros; porque *Deos resiste aos soberbos, e dá a sua graça aos humilhes.*

Não blazoneis de cousas altas, mas accomodai-vos ás humilhes. — Não sejais sabios aos vossos olhos.

Humilhai-vos pois debaixo da poderosa mão da Deos, para que elle vos exalte no tempo da sua vista, remetendo para elle todas as vossas tribulações, porque elle tem cuidado de vós.

O Deos de toda a graça, que nos chamou em Jesus Christo á sua eterna gloria, depois que tivêdes padecido hum pouco, elle vos aperfeiçará, fortificará, e consolidará.

Sêde prudentes, e vigiai em oração.

Rogo que se fação supplicas, orações, preces, e acções de graças por todos os homens; pelos Reis, e por todos que estão elevados em dignidade; para que vivamos huma vida socegada, e tranquilla, em toda a sorte de piedade, e de honestidade.

Porque isto he bom e agradável diante de Deos nosso Salvador, que quer que todos os homens se salvem, e que cheguem a ter o conhecimento da verdade.

Porque só ha hum Deos, e só ha hum Mediator entre Deos e os homens, que he Jesus Christo homem.

Os homens orem em todo o lugar, levantando as mãos puras, sem ira, e sem contenda.

As mulheres tambem do mesmo modo orem em trajo honesto, ataviando-se com modestia, segundo coherem ás mulheres que demonstrão piedade por boas obras.

Á mulher se salvará pelos filhos que der ao mundo, se permanecer na fé, e caridade, e com santidade junta com a modestia.

Adverte, Tito, aos fieis, que seão sujeitos aos Principes e aos Magistrados; que lhes obedecão que estejam promptos para toda a boa obra; que não digão mal de ninguém, nem seão questionadores, mas socegados, mettendo mansidão com todos.

Porque tambem nós algum tempo eramos insensatos, incredulos, mettidos no erro, escravos de varias paixões e deleites, vivendo em malicia, e em inveja, dignos de odio, aborrecendo-nos hums aos outros.

Mas quando appareceu a vontade do Salvador nosso Deos, e o seu amor para com os homens, não por obras de justificação que tivessenos feito, mas segundo a sua misericordia, nos salvou pelo baptismo da regeneração, e renovação do Espirito Santo: o qual elle diffundio entre nós abundantemente por Jesus Christo nosso Salvador: para que, justificados pela sua graça, sejamos herdeiros segundo a esperanza da vida eterna.

Esta he huma verdade infallivel.

Irmãos, se algum como homem for comprehendido em algum delicto, vós outros que sois espirituaes, admoestai-o com *espirito de mansidão*. Considera cada hum a si mesmo, que não seja tambem tentado.

Renunciando á mentira, falle cada hum á seu proximo a verdade; pois *somos membros hums dos outros*.

Se vós irades, seja sem peccar. Não se ponha o sol sobre a vossa ira.

Tenho, nunca vos conceis de bem fazer. Sede imitadores de Deos, como filhos muito amados; e andai em caridade, assim com Christo nos amou, e se entregou a si mesmo por nós outros como offenda e hostia á Deos.

Se algum ensina doutrina differente desta, e não abraça as saas palavras de nosso Senhor Jesus Christo, e aquella doutrina que he *conforme á piedade*, he hum soberbo, que *nada sabe*, mas antes titubêa sobre questões e contendas de palavras, donde se originão invejas, bulhas, blasfemias, más suspêitas, alterações de homens *corruptos de entendimento*, e que *estão privados da verdade*, crendo que a piedade he cousa de mero interesse.

Mas a piedade he hum grande lucro, tendo-se o que basta para comer e vestir.

Estes, como animaes sem razão, naturalmente feitos para preza, e para a perdição; blasphemando das cousas que ignorão, parecerão na sua corrupção; como fontes sem agua, e nevas agitadas de turbilhões, está-lhes reservada a *obscuridade das trevas*.

Porque, fallando palavras arrogantes de vaidade, altribuem aos desejos impuros da carne aos que pouco antes havião fugido dos que vivem em erro, *pro-mettendo-lhes liberdade, quando elles mesmos são escravos da corrupção*.

#### *Extracões da Epistola I. e II. de S. Pedro.*

Carissimos, eu vos rogo como a estrangeiros e peregrinos, que vos abstenhais dos desejos carnaes, que combatem contra a alma; tende boa conversação com os Gentios; para que, assim como agora murmurão de vós, como de malficadores, considerando-vos por vossas boas obras, glorifiquem a Deos no dia da visitação.

Submettei-vos pois á toda a humana creatura por amor de Deos, quer seja ao Rei, como a soberano; quer aos Governadores, como enviados por elle para tomar vingança dos malletores, e para louvar dos bons.

Porque assim he a vontade de Deos, que, obran-

do bem, facis emmudecer a ignorancia dos homens imprudentes:

*Como livres, e não tendo a liberdade como não para encubrir a malicia, mas como servos de Deos.*

Honrai a todos: amai a irmandade: temei a Deos: respeitai ao Rei.

Servos, sede obedientes aos vossos senhores com todo o temor, não somente aos bons e moderados, mas tambem aos de dura condicção.

Porque isto he huma graça, se alguem pelo conhecimento que deve á Deos, soffre molestias, padecendo injustamente.

Porque que gloria he, se, peccando vós, tendes soffrimento, ainda sendo esbofeteados? Mas, se, fazendo bem, soffreis com paciencia, isto he que he agradavel diante de Deos.

Porque para isto he que vós fostes chamados: pois que Christo tambem padecêo por nós, deixando-vos exemplo, para que sigaes as suas pizadas: o qual não commetteo peccado, nem foi achado enegão na sua boca: o qual, quando o amaldiçoavão, não amaldiçoava; padecendo, não ameaçava; mas se entregava aquelle que o julgava injustamente.

Apropriando-vos para a vida do dia do Senhor, esperamos, segundo as suas promessas, novos Céos, e nova Terra, nos quaes habita a justiça.

Portanto, carissimos, esperando estas cousas, procurai com diligencia que sejaís delle achados em paz immaculados, e irreprehensiveis.

E tende por salvação a larga paciencia de nosso Senhor, assim como tambem nosso Irmão carissimo Paulo vos escreveu, *segundo a sabedoria que lhe foi dada.*

#### C A P I T U L O. VIII.

##### *Progresso da Religião Catholica n' America.*

Ainda que o Governo dos Estados Unidos d'America Septentrional adoptasse na sua Constituição Política a Tolerancia absoluta dos Crelos e Cultos; seja por Espectativo principio philosophico de liberdade das consciencias, e impossibilidade de forçar os espiritos á huma

sentimento unanime em dogmas de Religião positiva; seja pelo motivo interesseiro, e de effeitos experimentados, de attribuir a seu vasto, e ainda mui deserto, paiz população estrangeira; comtudo he de compiacencia a Humanidade o ver-se ali, não só mui predominante a Religião Christãa em suas varias Communhões, mas tambem progressivamente recrescente a Igreja Catholica, que obstante manter-se unicamente por contribuições voluntarias dos fiéis; o que constitue novo e solido argumento da sincera convicção da sua verdade. Espero que seja agravel aos Leitores aqui transcrever os seguintes extractos de duas Orações impressas, feitas nos annos de 1823 e 1824 em Philadelphia perante hum *Sociedade Philosophica* por C. J. *Jagersohl*.

“He politica, ou preocupação, dos Governos, que nuso da Igreja como *Machina de Estado*, desacreditar o nosso Systema, que deixa a Religião o regular-se por si mesma: elles o accusão de infidelidade, e immoralidade: mas não poderão supportar a luz da razão e verdade.

“Os homens intelligentes nos Estados Unidos, com superior unanimidade e sinceridade do que os da Europa, creem, que, sem religião, o Genero Humano seria barbaro, e desesperaria de melhora. Em nenhum paiz mais do que alli se tem feito melhores Estabelecimentos Ecclesiasticos.... A condicção da religião he hum dos melhores criterios para se conhecer o estado intellectual dos povos. Os Ecclesiasticos, além da sua cura d'almas, tem prestado sempre os mais importantes servicos ao espirito humano. A litteratura e Sciencia estiverão, por seculos, entregues exclusivamente á sua tutela. Nos periodos em que o espirito humano esteve mais oprimido, a Igreja foi a Chancellaria da sua preservacção. A ella devemos todas as melhores reliquias da antiga sabedoria: della ainda recebemos muito da nossa educacção; pois ainda agora a maior parte dos nossos Mestres são Ecclesiasticos.

Dizemos com satisfacção: nos Estados Unidos d'America, (do Norte) sob o poder da Religião Americana, floresce a Igreja Anglicana e Romana.

A Igreja Catholica Romana ali cresce tão vigorosamente como em qualquer outra terra e atmospherad'America. Desde a Missão de 1790, a Igreja Catholica

Romana se tem espalhado nos Estados Unidos em extensa e respeitavel Hierarchia: esta consiste de hum *Sé Metropolitana*, dez Bisposdos, contendo perto de cem Igrejas, sendo algumas de edificios ricos e esplendidos.

O Collegio Catholico, fundado logo depois da Revoluçao Americana pelo clero do *Estado de Maryland*, capaz de conter duzentos Estudantes, e achando-se com cadeiras de Bellas Letras e Sciencias Philosophicas, foi por hum Acto do Congresso dos Estados Unidos elevada a Universidade. Seminarios Catholicos, Mosteiros, e Religiosos, se tem introduzido em varios Estados sem força do Governo, e estão lançando seus ramos e portumes pelos desertos da America. E que bens se não podem esperar de sua sagracção e extensão? Até já se tem estabelecido Conventos de Freiras Carmelitas, Ursulinas, Apostolinas, do Coraçao de Jesus, e Irmaos de Caridade de S. Jose. — Em fim não ha nos Estados Unidos menos de oito mil Igrejas.”

Ha poucos annos os Membros do Parlamento Britânico se opposerão acerrimamente á abolição do *Trafico da Escravidura d'Africa*, como destructivo do commercio do Paiz, e da agricultura das Colonias: alguns dos Ministros do Gabinete a exoracção com as mais damadas esconjurações, como abortos dos principios democraticos a desorganizadores. Mas presentemente já o nosso Congresso, e dito Parlamento, tem não só abolido esse Trafico, mas até declarando-o *pirataria*: e já se preparão melhoramentos circunspectos, e graduas expedientes para Educacção e Emancipação dos escravos sem convulsão do Paiz.

O *Ponto de apoio* dos Melhoramentos da Humanidade está seguro n'America: não só pela sua situação e força, mas tambem por tacto consenso da SANTA ALIANÇA; pois a recente Convenção entre os Estados Unidos e a Russia, manifesta, que o Imperador *Alexandre* não tomou por Offensa a *Declaração* que o nosso Governo fez da Independencia e Protecção dos Estados do Sul d'America.

“O Original Americano só se dezluz com a mixtura da imitação Europea: aliás, já poderia cantar UNIVERSAL, HALLELUIAH de paz e prosperidade, cuja Musica he cheia da mais PURA MORAL.

## CAPÍTULO IX.

## Reflexões sobre o Exposto.

**R**e. Esperando, quanto he congruo, o Estabelecimento Politico d'America Septentrional, reconhecido pelas Potencias da Christandade; mas execrando a Tentativa da *Confederação da Equador*, com que alguns catalistas de Pernambuco, sectarios da Revolução de 1817, capitaneados por hum artilheiro transiga da Justiça nessa epocha \*, que se acotou nos Estados Unidos, recentemente se embandeiraram com traidor *Manifesto*, pendendo quebrar a Integridade do Imperio do Brasil, á despeito da vontade Brasileira, tão fortemente declarada desde o Rio Negro até o da Prata; considero do meu dever o propor as seguintes reflexões contra os entusiastas, que desejão se uniformem as Constituições de todos os Povos deste Continente á da Matarcha da Independencia Colonial contra a Supremazia das Metropoles, sem calculo de prudencia, nem identidade de circumstancias. Esse desejo (ou delirio) he tão absurdo, como se pretendessem, que a superfcie immensa do Territorio Americano tivesse a mesma physiognomia geologica, com o uniforme e deforme prospecto de uniformidade se avistarem Varzeas, ou Cordilheiras. A Natureza Politica não fará tambem o *Experimento* neste Hemispherio de *comparativo progresso* de prosperidade em diferentes Estabelecimentos Constitucionaes, proporcionados aos seus habitos, costumes, e recursos?

Na Constituição do Imperio do Brasil se declarou que a *Unica Religião* manida pelo Governo he a *Religião Catholica, Apostolica, e Romana*; com a *liberdade* todavia de não excluir a dos Sectarios das *varias Communhões do Christianismo*.

O Congresso dos Estados Unidos nada mais em sua Constituição fez do que o continuar o *Direito Constitucional* da estabelecida *liberdade religioso*; porque os originarios colonos, sendo de variadas seitas de Ingla-

(\*) Manoel de Carvalho.

ra, acocados de persiguições de escuros tempos, procurando asylo nos desertos Transatlanticos; os quaes depois se cultivarão extensamente pela confluencia de povos de outros paizes, e diferentes Estados cultos. Em quanto se esca com o machado na mão a derribar matarias, e exercer as industrias ordinarias, he facil a concórdia civil, ainda entre dissidentes e heterodoxos. Tambem a sua *transição* de forma de regimen, foi muito meos difficil, pela analogia com o do Estado-Pai; por ser, na maior parte, a sua população de gente livre, e porque teve auxilio de Potencias rivaes do Governo Britanico.

O Brasil porém sempre esteve em circumstancias diametralmente oppostas; e, depois da retirada da Corte a Portugal, se achou em situação singularissima, e unica no seu genero; ficando as Provincias convulsas, e divididas com discordias intestinas, e phantasias excentricas, com o vertiginoso abalo do notorio Movimento Ilacónico de Escuro Oriente, que no seu especial Astrolabio só olhava a Constituição de *Washington* como a *Estrella Polar* dos aventureiros argonautas no Oceano Politico.

Se nelle, por Divina Mercê, não prevalecesse a Constituição Imperial, nada menos se podia esperar, que o precipicio ao chos da Anarchia, com os horrores que sobrevierão á *Ethiopia do Occidente*. \*

Para desabuso de illusões mal faldadas, bastaria attender, que a sociedade civil foi testemunha assombrosa do, mais que portentoso, *Prodigio*, comque, na herida crise da Europa, o Governo dos Estados Unidos, ainda na infancia do Reconhecimento de sua Independencia, se conjurou contra a Gram Bretanha, Defensora das Liberdades do Mundo, contrahendo Aliança com o common Inimigo do Genero Humano, o Dragão Corso, Liberticida, que tentou pôr o pé firme na America. A' este Phenomeno Moral ora alludio, o actual Presidente do Congresso Representativo dos ditos Estados, o Sr. *Quincy Adams*, na *Folle* de 10 de Março do corrente anno de 1825, sobre o *estado da Nação*, onde fez a seguinte *Confissão Publica*: \*\*

(\*) Ilha do Haity.

(\*\*) Veja-se o Diário Fluminense de 10 de Maio do mesmo anno.



„As guerras revolucionarias da Europa excitaram uma colisão de sentimentos, e de sympathia, que atearam as paixões, e azealharam o conflicto de Partidos, até que a Nação se envolveu em guerra, e a UNÃO FOI ABALADA ATE O SEU CENTRO.... Ainda resta um esforço de magnanimidade, um sacrificio de prejuizo e paixão, que devem fazer os individuos, ou *Toda a Nação*, que seguem o Estandarte do *Partido Politico*. &c.

Por ventura esta Parenencia de tantos flores rhetoricas, em que transluz a verdade pelo véo do decoro politico, dá a Garantia do Tempo, que assegure a Virtute e Sabedoria Nacional, e com ella a estabilidade da Organização Representativa, que previna a reincidencia ao descripto estado precario e perigoso, e realize o extermínio de *espírito de partido*, que sempre infestou as Comunidades Populares, e Estados Federativos?

Os Fastos Sociaes tem assaz mostrado o fado das Ligas Achaicas, Amphityonicas, Hansseaticas, Batavas, Helveticas &c. Quando mais floreceu a, que se presuma de superlativamente liberal, Republica Atheniense, senão quando Homens Extraordinarios, como Pericles, Pisistrato, e Demetrio Phalaréo, concentraram em si o Poder do Estado, com acquiescencia do povo, que, cansado com discórdias civis, e arruinado com guerras estrangeiras, sempre em continuas hostilidades internecinas entre as Republicas circunvizinhas, se enthusiasmon no excessos de ( como refere *Plutarcho* ) até de levantar á este Dictador trezentas e secenta Estatuas?

A Republica Militar de Roma destruiu odienda a rival Republica commerciante de Carthago, que alias tinha a melhor Constituição, conforme o juizo do antigo Mestre da Sciencia Estadística, que no seu Livro d'ouro da Politica diz ter examinado mais de duzentas Constituições de varios Estados. A final as guerras civis da mesma Roma ocasionaram, ou necessitaram, o Estabelecimento do Imperio de Augusto. Todo o Corpo da Historia confirma a opinião de *Tacito*, que o *systema da igualdade* apenas dura em Estado de mediocridade de bens, e não depois que, com a accumulção de riquezas e conquistas, recresce progressivamente a desigualdade das condições, e a insuavel cubica de

poder, que em *Monarchias* prevalecer a ambição e violencia, *dos Monarchas do paiz*, não se tratando dahi em diante mais do que do alcance do Principado. \*

He reconhecido que os maiores avanços da Civilisação se tem feito nas Monarchias moderadas, e de boas leis, quando as Nações tem a fortuna de serem governadas por Legitimios, Sabios, e Pios Regedores, que o Céo illumina, e que merecem o Titulo de *Pai da Patria*.

Onde se achaz arraigado o cancro do cativo, só nas Monarchias, pela Autoridade Suprema, e Protectora de todas as classes, se podem mitigar os males da escravidão, e gradualmente preparar-se a geral Emancipação. Os melhores Imperadores de Roma concorreram mais do que os Dictadores e Tribunos da antecedente Republica Aristocratica, a dar patrocínio aos servos contra as sevicias dos senhores, authorizando o seu refugio ás ESTATUAS DE CESAR. As leis Imperiaes: em tal caso, e não havendo esculmnia na queixa, ordenarão a sua *alforria*, ou *condão com boas condições*. \*\*

*Adam Smith*, novo Pai da gente civilizada, no seu

(\*) Ainda que os antigos não tinham a idéa ou pratica das constituições modernas de plausivel *Governo representativo e misto*, com tudo, como, apezar do pertencido progresso da intelligencia dos povos, ainda a natureza humana se não mudou, o mais seguro parece ser o juizo do citado Politico, não obstante as vicissitudes dos tempos, e especiosas phases na régencia de alguns Estados. Elle, prescindindo de theoricas, e fundado nas experiencias do mundo, fez as seguintes notas, que os prudentes não devem jamais perder de vista:

Postquam regum pertesum, leges maluer. — Successerunt potius alii homines quam alii mores. — Delecta ex his et consociata republicae forma laudari facilius quam evanire; et si eveniat, nec diuturna esse potest. — Vetus et iam pitelem *visita mortalibus potentiae capto*, cum imperii magnitudine adolevit. *Nam rebus modicis, equaniliter facit habebatur*: sed ubi, subacto orbe, et armis turbibus, regibus que exisist, securas opes concupiscere vacuum fuit, et, modo turbulenti tribuni, modo consules prevallidi — vicem armis libetatem in dominationem vertent — et nunquam postea nisi de principatu quæstium. — Tacit. Hist. lib. II. cap. 36.

(\*\*) Códice — De his qui ad Statuas confugiunt.

Liberal Systema economico bem nota, que o Soberano pode dar mais segura e effiziz protecção aos escravos opprimidos, do que os Estados de Republicas, onde os senhores considerão tyrannia o intronnettem-se os Magistrados com a que entendem ser — sua propriedade. \*

## CAPITULO. X.

### *Da Influencia da Religião Catholica na Civilisação de Povos Barbaros.*

**C**æthlon, escriptor da *Historia da Decadência do Imperio Romano*, ainda que Apostata do Catholicismo, e Secretario do *Deismo*, não pode todavia deixar de confessar a saudavel influencia, que a Religião Catholica (cujo centro era a Igreja de Roma) teve em civilisar os Barbaros do Norte da Italia, e até os salvages idollatras das mais frias regiões da Europa. Descrevendo os beneficios de sua conversão, assim diz:

”O Christianismo, que abriu as portas do Ceo aos Barbaros, introduzio importante mudança de sua condição moral e politica. Elles receberam o uso das letras, tão essencial á humna Religião, cujas doutrinas se encerrão nos Livros sagrados; e, em quanto elles estudavão a verdade divina, os seus espiritos erão insensivelmente alargados pela distante vista da historia, da natureza, das artes, da sociedade. A versão da Escripura na linguaem patria, que facilitou a sua conversão, também excitou no seu clero alguma curiosidade para ler o texto original, entender a liturgia da Igreja, e examinar nos escriptos dos Santos Padres a Tradição Apostolica. Estes bens espirituas forão preservados nas linguagens Grega e Latina, que transmittirão os preciosos monumentos da antiga Literatura. A emulação do Genero Humano foi animada pela expectativa de estado mais perfeito, e a chama da sciencia foi secretamente avivada para dar calor e luz a madura idade do Mundo Occidental. No mais corrupto seculo do Christianismo os Barbaros aprenderão a justiça pela Lei Romana, e a

misericórdia pelo Evangelho; e se o conhecimento de seu dever era insufficiente para guiar as suas acções, ou reger as suas paixões, contendo algumas vezes forão reatidos pela consciencia, e frequentemente punidos pelo remorso.”

”Porém a directa autoridade da Religião foi menos effez do que a *Santa Communhão*; que os unio com os seus irmãos christãos em espirital amizade. A influencia desses sentimentos contribuiu a assegurar a sua fidelidade ao serviço ou alliança dos Romanos, a alliviar os horrores da guerra, a moderar a inscendencia das conquistas, e a preservar, na queda do Imperio o permanente respeito ao nome e ás Instituições de Roma.”

”Nos tempos do Paganismo os padres da Gallia e Germania reinavão sobre o povo, e restringião a jurisdicção dos Magistrados: os seus proselytos transferirão igual, ou mais ampla, medida de obediencia devota aos Pontifices da Fé Christã... A recrescente autoridade dos Papas fortificou a União da Republica Christã, e gradualmente produziu semelhança de maneiras, e commun jurisprudencia, que distinguirão do resto do Genero Humano as independentes, e ainda inimigas, Nações da moderna Europa.”

Contra este facto tão decisivo nada valem as ironicas e insidiosas reflexões deste Historiador sobre os entusiasmos e abusos, que dezluzirão a christãos heterodoxos, Synodos Ecclesiasticos, Institutos Monasticos, e o Conclave de Roma, que, no andar dos tempos, se elevou sobre as ruinas do capitolio. Na verdade, nem Christão, nem os discipulos que escolheu dos *farcos de epirritos para confundir os fortes do mundo*, jamais por palavra, escriptura, ou tradição apostolica, ensinarão ou ordenarão austeridades mortíferas, e as praticas antiscietas, fanaticas, e ambiciosas, que aquelle Escriptor com legonimioso escrutinio se desvelou em descobrir e manifestar na Historia Ecclesiastica.

## CAPITULO. XI.

*Dos Pretextos dos Infeis para a incredulidade na Religião Revelada.*

**S**endo notoria a existencia de huma *Sociedade Secreta*, e extensa, que se inaugura por *Sociedade Philosophica de Filhos da Luz*, ramificada em hum e outro Hemisferio, já tendo *Congregações* no Brasil; e sendo ella mui suspeita de ser *Anti christã*, quando mais não fosse, porque, affectando ter sô em vista o Bem da Humanidade, sustenta, como fundamental lei, o obrigar com juramento aos seus membros, a nunca revelarem o segredo do seu real objecto, quando alias o Divino Mestre da Lei Evangelica a deo aos discipulos o positivo precepto de ensinarem publicamente a sua doutrina \*, a fim de que *todos os homens veja as suas obras boas*, declarando que *quem odia a luz, ama as trevas, porque as suas obras são más*; conven expor e discutir os mais especiosos pretextos, com que os infeis e renegados do Christianismo e Catholicismo, tem procurado escusar a sua infidelidade, e apostazia.

Os implacaveis inimigos do altar e Throno não cessão de invectivas contra a Religião Catholica, com os pretextos de que: 1.º Legitima o Despotismo e Fanatismo, com a que dizem ser *doutina servil da divina orizem da Authoridade*, e da obediencia aos estabelecidos Poderes, se não bons ou dyabolos: 2.º Occasionou escandalosa variedade e contrariedade de schismas e synbolicos: 3.º Justifica a Intolerancia, Perseguição, e Guerra, por opiniões e crencas discordes da Igreja de Roma; havendo por isso os catholicos, e especialmente os Ecclesiasticos, commettido enormes excessos, passando de perseguidores a perseguidos, logo que tiverão protecção de Despotas, porfando o clero secular e regular em adquirir excessivas riquezas por illusões dos povos, pregando alias renuncia ás pompas do Mundo: 4.º Sustenta o *Primado* dos Summos Pontifices, que aspirão à Supremacia Universal, até desligando os povos do Juramen-

(\*) S. Math. cap. V. vers. 16 — S. João cap. III. vers. 19.

## CAPITULO XII.

*Reputas des Invenções contra a Religião Catholica.**Quanto ao 1.º Pretexto.*

**Q**uem em boa fé contestará a origem divina da Primeira Authoridade, qual a do Pai sobre seus filhos e a familia? Como se pode negar o influxo da Providencia no Governo civil, que, ainda sendo imperfecto, sempre assegura grandes bens à Humanidade, e muito mais se descompunha o caracter de Governo Paternal? A Doutrina Apostolica recomendou a subordinação necessaria à Ordem Publica; nem authorizou a anarchia, nem a tyrannia; antes, pelo contrario, declarou a tremenda responsabilidade perante o Juiz Eterno de todo o abuso, tanto de Liberdade, como de Authoridade.

Cousa admiravel! Tendo havido tantas conspirações e revoluções no Imperio Romano, hum só Christo não foi o auctor, ou complice, desses attentados. Nero foi o primeiro calumniador dos Christãos de Roma; e, não lhe achando crime de estado, lembrou-se de levantar-lhes o alieir de os arguir do incendio da capital, de que só elle fora o ordenador para dar-se o espectáculo do abraçamento de Troia, e ter a vaidade da reedificação da iniciada *Cidade Eterna*. Mas *Tuicio* retene, que o povo romano reconheceo a calumnia, e se compadeceo da *grande multidão* de christãos innocentes, que foram mortos com os mais cruéis supplicios. \*

*Plinio*, celebrado Panegyrista do Imperador Traja-

(\*) Tacitus — Annal. Lib. XV. cap. 44.  
7 ii

no, fazendo a mais exacta Inquirição dos Ajuntamentos dos Christãos da Provincia da Bytunia, de que era Pro-consul, para executar os cruéis Edictos dos Imperadores, chegando ao extremo de até expor á tormentos a duas mulheres christãs, na impia esperança de que trahissem a causa de Deos, por fim certificou-se, de que não tinham outra culpa mais do que a de não seguirem a religião do Imperio; e que unicamente se congregavam antes de amanhecer o dia, e no seu conventiculo fazião hymnos á Christo, e se obrigavam com juramento á não commetterem *multitudo aliena*; e findo este acto, hão comer em *mesa commun*, mas *innocente*. \*\*

Sega qual for a forma do Governo, assentada, ou assentada, he intoleravel, e deve ser proscripta, em todo o paiz, que quer ordem, consideração, industria, e riqueza, as *Martinas* democraticas dos Regeneradores do seculo. Os Anarchistas ainda não estão escarmentados dos nefandos horrores, que resultarão da Revolução Francesa, especialmente depois que o Monstro *Kochepierre* propoz, e com o seu *reito de terror* fez approvar, no Pandeomio de Paris a Constituição de 1793, em que se consagrou o Diabolico Artigo de que, em abuso de poder, a *Insurreição he o mais santo dos deveres*.

#### Quanto ao 2.º Pretecto.

Variedade de seitas tem havido não menos em todas as Religiões, que na Philosophia e Politica, pela natural tendencia dos homens á desnhião, divergencia, discórdia em opiniões especulativas; até sendo impossivel unanimidade, quando he livre dar carreira á imaginação. O Apostolo das Gentes bem prevenio aos primitivos christãos contra o malino *espírito de dissidência e contenda*, aconselhando evitarem as *profanas novidades* contra o Padrão do Evangelho.

#### Quanto ao 3.º Pretecto.

He calumnia attribuir ao Catholicismo espirito de in-

(\*) Pinus lib. X. Epist. 97.

tolerancia e perseguição. Ao contrario, o nosso Mestre da Lei Evangelica bem declarou o indulgente espirito da Revelação, dizendo, que a sua Missão Divina fôra destinada para salvar, e não para perder, aos homens. Ulle deo aos discipulos a expressa *Lição Moral*. — Aprendei de mim, que sou manso, e humilde de coração. — Ninguém pode vir á mim, sem que o Pai celeste o attrahita. —

*Tito Livio* na sua Historia Romana refere a Lei intolerante da Republica, que prohibia cultos diversos do *Costume Patrio*, e mandava queimar os livros contrarios. \* *Gibbon*, Historiador da *Decadencia do Imperio Romano* refere, que o Imperador Marco Aurelio (que alias tanto foi louvado pela sua sabedoria e virtude) *despeçou os christãos como philosophos*, e os *castigou como Nôberranos*. — Eis a rectidão Estoica, e a clemencia Gentilica!

Além de que a maior parte das perseguições e crueldades, que a Humanidade lamenta na Historia Ecclesiastica e civil, fôrão obras da *malicia e ignorancia*, dos povos, e de falsa *Razão de Estado* dos Poderosos do Mundo, e de seus pessimos conselheiros. A arrogancia dos homens, que não reconhecem o seu nada, e que a sua *sufficiencia só vem de Deos*, lhes fez imaginar, que tinham o privilegio da infallibilidade e omniscencia, e até da omnipotencia de forçar entendimentos, e ajustar idéas de espiritos differentes, quando alias nem o mais habil artista pode uniformar relogios.

Até *Mahomet*, não negando ter sido Christo Propheta, para se constituir o Fundador de Nova Religião, bem reconhecendo, que o espirito da doutrina christã era dogura, caridade, misericordia, a fim de fa-

(\*) Quoties hoc patrum avorum que atate negotium est magistratus datum, ut sacra externa fieri velarent? Vatinos libros comburent? Omnem deum nam sacrificandi preterquam more Romano, abolerent? Judicabant enim prudentissimi viri omnes divini que juris, nihil equae dissolvent religionis esse, si non patrio, sed externo, ritu sacrificarentur — Lib. I. XXXIX. c. XVI.

zer o contraste, e formar partido com os seus Arabes violentos, declarou, que a sua Missão do Ceo era, pela *Espada*. Só por isso, (bem dia o escriptor do *Esprito das Leis*), se deve abraçar a Religião Christã, e execrar a Mahometana.

Nada pois concluem os cavillosos arengueiros, em quanto não mostrarem, (o que lhes he impossível à face da *Synopse dos Deveres Christãos*, ensinados por S. Pedro e S. Paulo, constantes do cap VII.) que a Lei da Graça authorisa as enormidades de que ha justa censura.

#### Quanto ao 4.º Pretexto.

O *Poder das Chaves*, que Christo deo à S. Pedro, e à seus successores, não confieo o dom da *infallibilidade*, e *impeccabilidade*.

Julavia oTitulo de *Santidad*, que, no decurso dos tempos se deo aos Summos Pontífices da Igreja Catholica, se mostra merecido por quasi todos os Principes dos que se elevarão canonicamente à Cadeira do Principe dos Apostolos.

Na verdade, parece que a Providencia tem dado especial protecção a S.º Apostolica; visto que, sobrevindo, ha mais de dezoito seculos, tantas ruinas de Imperios, Reinos, e Estados, até pertegdo-se a genealogia, memoria, e o nome de varios soberanos, todavia ha certeza da serie não interrompida de todos os Papas, sempre, depois de muitos contratempos, e combates, mostrando se firme e immovel a Pedra Angular da Igreja Catholica.

Aos Summos Pontífices, que sempre forão zelozos em expedirem Missionarios aos paizes barbaros, se deve o progresso da *Christandade*. Em todas as Partes da Terra a sua Instituição da *Propaganda* tem feito incommensuraveis servicos à causa da Humanidade e Religião.

O Pontificado tem, por assim dizer, sido o *Conservatorio* das Sciencias e Artes mais illustres, e uteis à sociedade. Depois da ruina do Imperio Romano e Grego, e invasão dos Barbaros na Europa, o Restabelecimento das Letras he Benefício da Santa Sé, e á esse respeito sempre serão de Perpetua Memoria os Papas Nicolio V. e Leão X. que acollherão os Litteratos refugiados, expulsos de Constantinopla. Especialmente este

Chefe da Igreja catholica, não obstante as arguições dos heterodoxos sobre as suas Bullas da Indulgencia, he digno da cordial estima de todo o philantropo, pelo seu Grande Estabelecimento Literario de huma Universidade em Roma de mais de cem cadeiras de diferentes ramos de Litteratura, com que se deo tamanho impulso ao ascenso do espirito humano. \*

Não ha duvida que alguns Papas se prevalecerão de sua superioridade mental para Conveniencias do Mundo, e ingercencias em contendas dos Reis entre si, e com seus povos. Porém quasi sempre ostentão paternal solidiidade para Concordia do Sacerdocio e Imperio, de que são Monumentos as *Concordatias* com as Testas Coroadas. E quem póde dizer até onde hirta o Despotismo de Potentados não instruidos, se não achassem encontrado, e sandavel influxo, no Poder Espiritual?

Quanto as Bullas das Cruzadas, e Ordens de Cavalleiros Militares, com que animarão aos Principes da Christandade a resistir ao espirito de Conquistista dos Mahometanos, implacaveis inimigos da Cruz do Redemptor, he innegavel, que niso occasionarão bens incalculaveis, virtualmente executando o Plano da Providencia.

Do Contrario, o *Crescente Otomano* com o seu Alcorio e Alfange se teria extendido á todos os *Reinos Europeos*, *exterminando* o catholicismo, como o praticou, com lagrimas da Humanidade, por todo o Marítimo d'Asia e Africa adjacente ao Mediterraneo, onde antes houverão tantos Estados Christãos, e Luminarios da Igreja. A conquistista da Hespanha pelos Sarracenos devia causar terror, e induzir aos Fieis a reunirem corações e braços para se opporem aos Sectarios do *Islamismo*, que, reputando-se os verdadeiros crentes, projectarão extirpar o Culto Christo.

Além de que habeis Politicos tem notado, que o entusiasmo dos *Cruzados*, muito concorreo para a Liberdade civil, e progresso do Commercio; pois que muitos dos grandes senhores, que abarcarão as terras

(\*) Leão-se as curiosas particularidades na obra Inglesa de *Roscoe*. — Vida de Leão X. onde, semto alias Protestante, faz justiça a este Grande Homem.

des, vendião os seus patrimonios para livre a Terra Santa; donde resultou multiplicar-se a classe dos proprietarios, haver menor desigualdade de condições, e com os transportes maritimos extender-se a Navegação: Quando depois o Imperador Carlos V. se mostrou aspirante á Monarchia Universal, e accendeo os archotes de guerras de Religião, a sabedora da Sé Apostolica muito contribuiu á *Balança do Poder*. Por isso depois o Epico da *Henriada* com razão disse que — *no fundo de Valtiano revivava a Politica*—.

Hum Ecclesiastico Irlandez Catholico fez neste secular vigorosa retellugão das investidas dos Protestantas Ingleses contra a Santa Sé, que alias reconhecem ter sido a May de que o seu Rei Henrique VIII. tão impudentemente se rebelou, porque o Summo Pontifice não condescendeo com o seu impio desejo de Dispensa da indissolubilidade do matrimonio de sua legitima Espoza, para se casar com Anna Boléna. Assim diz:

” Arguir do abuso do poder para negar o mesmo poder, he copiar o exemplo dos Revolucionarios da França. Elles preparão a destruição de sua Monarchia pela multidão de escriptos em que se fazem catalogos dos crimes dos Reis, sem reflectirem (o que alias era evidente á todo o espirito pensador, ) que, ainda quando tais crimes fossem mais numerosos e atrozes, do que são figurados, com tudo sempre erão infinitamente contrahancados pela simples vanagem de servirem esses Soberanos de *Pedras Angulares* de todo o Edificio dos Estados de que erão Cabeças; prevenindo-se assim os indiziveis males de interminaveis divisões e mudanças.”

” O beneficio da Supremazia Pontificia neste ponto de vista, isto he, para prevenir scismas, servir de *Centro de União*, e de *Faro da Orthodoxia*, tem sido reconhecido, não só pelos Padres da Igreja, mas também pelos modernos Protestantas.”

” Mas este beneficio não he o unico que a Sociedade deve aos Summos Pontifices. Elles, além de sua ansiosa vigilancia na propagação do Evangelho, também com vigor e bom successo protegem a Christandade, em varios periodos contra a furia e oppressão dos Sarracenos, Tartaros, Turcos, e outros Genios, á cuja dominação seria sujeita sem a sua protecção. A necessi-

dade das Cruzadas se manifestou pelas consequencias da victoria da Batalha Naval de *Lepanto*, que destruiu a Potencia Maritima dos Musulmanos na Europa.”

” Os Papas organisarão os Estados Christaos em hum *Grande Communidade*, e por muitos seculos preservarão as Liberdades da Europa, preservando o Equilibrio das Potencias. Se forão accusados de excitar algumas guerras, certamente prevenirão, ou fizeram cessar, muitas outras maiores. Pela suas Instituições da *Tregua de Deos*, *Redempção de cativos*, e outras Pias Fundações, muito diminuirão as hostilidades no tempo do Governo Feudal dos violentos Barões, e extensamente servirão á Causa da Humanidade.”

*Quanto ao 5.º Pretexto.*

A Religião Revelada contém *mysterios*: E a Religião Natural, também não contém *mysterios*? Toda a visivel Natureza está cheia de mysterios. Cada bichinho da terra, cada musgo das agoas, he hum aggregado de mysterios. O mais presumido philosopho he tão ignorante, como o mais rude idiota, sobre os mysterios transubstanciação da comida e bebida em sangue, e mais fluidos do corpo humano; e de qualquer animal. Quasi toda a Historia Natural he mysteriosa. E que mais assombroso mysterio he o existirem neste Globo innumeraveis cousas, de cujo conhecimento o homem he incapaz, e com tudo as ignoramos por tantos seculos, e apenas actualmte adquirindo tenues e imperfeitas noções das mesmas? Que mysterios physicos encerra o seio da Terra, de que mal conhecemos vislumbres da superficie, e o, contendo á pouca distancia a baixo della? Que mysterios dos mysterios são occultos aos Astronomas ( ainda aos *Newtons* e *La Places* ), que, tendo capacidade para entenderem a *theoria das fuzões*, e as leis do *Systema Planetario*, e até as que regulão as excentricas orbitas de mais de trezentos cometas que tem apparecido, ou sido observados, com tudo, não obstante o auxilio do telescopio de *Herschel*, ignorão absolutamente, ou não sabem discernir, a infinidade de estrellas da *Via Lactea*, e a immensidade dos ceos dos ceos, cheios de



obras maravilhosas do Creator, e que evidentemente são destinadas á comprehensão de *Superiores Inteligencias*? Em fim conhecemos por ventura o como co-existem em nossos espiritos tantas distintas faculdades, e a indizível aggragação de idéas? Os Deístas não crêem no *peccado original*? E como expiação o ter o homem o sentimento da compaixão das dores e misérias dos seus semelhantes, e o amor da virtude, e todavia haver tanta gente deshumana, que se apraz da tortura alheia, e tem delícias na malícia com que intriga, difama, assassina, guerra? Hum dos Escriptores \*, que mais habilmente tem refutado os sophismas de *Gibbon* e *Paine*, faz as seguintes ponderações:

" Ainda as Mathematicas, á que se dá o titulo de *Sciencia de Demonstração*, se fundão em principios e theoremas incompreensíveis; taes como ponto sem partes, linha sem latitude, superficie sem profundidade; aproximação continua de linhas que nunca se encontram. Aquella sciencia contém a theoria dos *incommensuráveis*, e dos *infinitos*, cada hum dos quaes he infinitamente maior, ou infinitamente menor, do que o outro. "

" Na Physica não podemos comprehender a primeira causa de cousa alguma, e nem ainda da luz, pela qual vemos, nem do fogo, pelo qual nos acalentamos, nem da elasticidade do ar, pela qual ouvimos. "

" Na Physiologia não podemos dizer o que primeiro deo movimento ao coração, nem e que o continua; nem porque o seu movimento he menos voluntario que o do bofe; nem porque podemos mover o nosso braco á direita; e á esquerda, pelo simples acto da vontade; não podemos explanar a causa do calor animal; nem comprehend o elemento pelo qual o nosso corpo se formou, e porque principio vital se sustenta a sua organisação, e como se reduz á terra. "

" Na Religião Natural não podemos comprehender a eternidade e a omnipresença de Deos; nem facilmente entendemos como a sua providencia seja compativel com a nossa liberdade, nem a sua immutabilidade

(\*) *Watson* — *Apologias da Biblia* — Septima Edição de Londres pag. 134 e 400,

com o seu governo dos agentes moraes; nem porque não fez as suas creaturas igualmente perfectas; nem porque as creou mais cedo: em huma palavra: não podemos olhar para qualquer ramo de conhecimento, em que não encontremos objectos sobre a nossa comprehensão. A queda e a redempção do Genero Humano não são mais incompreensíveis, do que a criação e conservação do Universo. O infinito Author das obras da Providencia, e da Natureza, he igualmente inscrutavel, e incomprehensivel á capacidade humana. "

" A impia febre de espirito, e paralyza de entendimento, que originou na França, espalhou o seu contagio na Christandade, sendo o virus indistinctamente introduzido por malinos; he dever de todos que se interessão pelo bem da Humanidade o esforçar-se em todas as partes por obstar ao seu progresso. Estejamos certos, de que, logo que a Religião deixar de ter imperio nas consciencias dos homens, também o Governo perderá a sua authoridade, e dahi resultará hum estado de anarquia barbara, que porá em perigo até a existencia da Sociedade civil: sem ella, as restricções e penas humanas são incapazes de enfrear as egotísticas, e licenciosas paixões do Genero Humano. Quem remove do espirito do povo as esperanças e os terrores do futuro estado, abre os diques da immoralidade, e occasiona diluvio de vicios e crimes, igualmente destructivos da dignidade da natureza do homem, e da tranquillidade do mundo. "

" Não tem havido, nem pode haver Estado, sem Religião. Se o Christianismo for abolido, em seu lugar se introduzirá o paganismo, ou o mahometismo, ou outra impostura, ou a sociedade civil será dissolvida. "

" Bacon (philosopho com quem os nossos modernos philosophos não se podem comparar) notou, que em nenhum seculo se tem descoberto philosophia, opinião, religião, lei, disciplina, que tão grandemente exalte o *Bem communum*, e diminua o *interesse particular*, como a Religião Christãa. Por isso he de admirar, e deplorar, a malicia dos homens, e a fraqueza dos Estados, que fazem a tentativa de governar o Genero Humano sem religião positiva, e estabelecer *Sociedade Philosophica sobre as ruínas do Christianismo*. "

" A religião Christãa não se intronette em organi-

zar CONSTITUIÇÕES POLITICAS: ella dirige toda a sua influencia aos corações; e (como o antigo Páthe da Igreja, *Origenes*, disse contra Celso, sophista calumniador do Christianismo) se cada individuo de todas as Nações guardasse a pureza dos preceitos do Evangelho, não haveria injustiça interna, nem guerra estrangeira, e cessaria a paixão que produzem tanta acrimonia no commercio da vida, e assola a Terra. Que arguições pois fundadas se podem fazer áquella Religião, que, se fosse universalmente observada, introduziria universal harmonia, e a mais exaltada felicidade do Genero Humano?

### CAPITULO XIII.

*Doutrina do Santo Padre Clemente XIV. condemnando a Intolerancia e Perseguição por Dissidencia de Setias.*

A Causa da Religião Catholica, Apostolica, Romana, foi victoriosamente advogada pelo Summo Pontifice Clemente XIV, cujo *Nome*, se pode, em pia crença, considerar escripto no *Livro da Vida*, como S. Paulo \* diz de S. Clemente I., o immediato Sucessor dos Principes dos Apostolos. Esta, a mais Alta Authoridade da Igreja de Deos, fez o Manifesto do verdadeiro Espirito do Christianismo, mostrando a iniquidade dos Detractores, que o tem arguido de *espírito de Intolerancia e Perseguição*. Aqui offereço alguns *Extractos* dos *Discursos* daquelle Cabeça da Christandade, que vem no principio do *Apêndice* das suas obras, tão acreditadas na Republica das Lettras, e que tem o titulo de *Cartas de Ganganelli*, Tradução Portuguesa impressa em Lisboa em 1783.

“ Quem julga de hum painel pelas suas sombras, mostra que o não quer conhecer bem. A Religião he como o Firmamento; quanto mais se examina, tantas mais estrellas nelle se descobrem; como o mar, que, quanto mais se observa, tanto parece mais immenso; como o ouro, que, quantas mais vezes vai ao fogo, tanto mais brilhante vai ficando.

(\*) Epist. aos Philippenses cap. IV. vers. 3.

Ah! Como seria ella apaixonada, se ella *proscrive todas as paixões*? Como usaria de mentiras, se ella condemnava até os mais leves equivoccos? Como seria, finalmente, perseguidora, se o seu caracter distinctivo he o ser sempre perseguida? JESU CHRISTO, quando a estabeleceu, não lhe annunciou mais que cruzes, contradicções, e revezes. Não lhe disse: Declarareis guerra aos peccadores, aos herejes, aos impios; porém disse-lhe na pessoa dos seus Apostolos: *Eu vos mando como cardêiros pelo meio dos lobos: quando vos não quizerem ouvir, passai para outra Cidade, sacudindo o pó dos vossos sapatos.*

Eis-aqui como a Religião se annunciou no mundo; e eis-aqui como ella se ha de sempre annunciar por aquelles seus Ministros, que a conhecerem bem, e que a quizerem fazer amar.

Abri os seus livros, entrai nos seus Templos, escutai as suas instrucções, e vereis que a sua linguagem he a mesma da caridade; e que não tem outra autheenticidade mais que a persuasão. Não foi em tempo alguma a Religião, mas sim o falso zelo, que, pretendendo imitala, tomou na mão o ferro, e o fogo, para forçar herejes a abjurarem os seus erros, ou judeos a fazerem-se Christãos.

A Religião lança anathema contra todos aquelles que tem hum espirito de perseguição, e de partido. Inimiga das cabalas, da violencia, das delações, ama somente a paz; e se acaso trovêa contra os erros, perdoos com tudo aquelles, que os defendem, \* e solicita o seu perdão para com os Principes; e para com Deos. O seu zelo consiste em nunca jamais capitular com o erro; quer antes soffrer tudo, do que tirar hum só jota da sua crença; porque não ensina como arthor de fé, se não aquillo que Deos tem revelado; e então se vêem sahir do seu luminoso e fecundo seio multitudes de Martyres, que se precipitão á través do ferro, e do fogo, antes do que consentir em que se altere o testamento de JESUS CHRISTO.

(\*) S. Agostinho, que conheceo bem claramente o espirito da Religião, tambem recommenda o mesmo: *Diligite homines, interficite errores.*

Os archivos da Religião, meus Irmãos, subsistem entre nós; e se nelles achardes outros vestígios de san-gue, mais do que aquelle que seus discipulos derrama-ram para defenda das verdades santas, sem razão vos estaria eu aqui exaltando a sua doçura, e a sua cari-dade. Porém vós não haveis de ver da sua parte mais que effusões de caridade, actos sollemnissimos da ben-e-ficencia mais assignalada, e exemplos de paciencia, do-cura, e longaninidade.

Se ha falsos devotos, que a desfigurão, vós sois por isso mesmo mais culpaveis em vos far nos retrat-ros que vos fazem della, quando o Supremo Legislador vos tem premunido contra aquelles homens, que querem im-por aos outros pezos que elles não quereirão locar com a ponta do dedo; contra aquelles homens que temem en-gulir hum moquisto, e que apresentão cubertos com pelle de ovelhas, sendo interiormente lobos vorazes, e arrebatadores; contra aquelles homens, que affectão ex-ternar os seus semblantes, para mostrar que jejúnão; contra aquelles homens, que se crêem mais perfectos que os outros, e que imaginação se preciso pronunciar muitas palavras para serem ouvidos.

Longe da Religião o hypocrisia, o fanático, o su-persticioso; pois ella, tão sincera, doce, e paciente, co-mo o seu divino Chefe, não conhece outras armas mais que a persuasão; trazendo continuamente estampadas na memoria estas palavras do seu divino Mestre: *Não ha-veis de ser como os Principes das Nações.*

Se alguma vez, meus Irmãos, tendes dado credito ás calumnias, com que se tem denegrido esta divina Re-ligião; se tendes tido nellas alguma parte, reconhecet-ho; se vossos desvarios á face dos seus Altares, e ide-las abraçallos, como signal da nova alliança, que com el-la quereis firmar para todo sempre. Pensai, que esta Religião he quem vos fez Christãos, e que he tambem ella quem deve introduzir-vos no Céu, se fordes fieis em cumprir as suas obrigações. Pensai, que ella se hade no ultimo dia levantar contra vós, como hum testemu-nha, que vos ha de opprimir, se não tiverdes sido fieis em praticar os seus preceitos. Então será aquella Rainha de que falla a Escripura, assenada á direita de Deos

em todo o seu esplendor: *Regina à dextis tuis, in vestitu deaurato, circumdata varietat.*

No seu seio he que devemos repousar cá na terra, para não ter nada que temer no ultimo dia. Ah! Que pode temer, quem marcha debaixo dos seus estandartes? Os Martyres, que seguirão os seus vestígios, se cre-rão invulneraveis no meio dos maiores tormentos; tan-to minorava as suas dores o ardor da sua caridade! Com a Religião, tudo quanto se faz he sublime; e, sem el-la, as acções mais brillhantes não podem ter algum me-recimento.

Se a antiga Lei ferio muitas vezes de morte os prevaricadores, he porque era hum Lei de terror, da-da entre relampagos, e trovões, feita para intimidar; e porque o Povo Judaeo tinha necessidade de ser excita-do por castigos extraordinarios. Porém a nova Lei, abro-hando no Calvarie pelo Sangue do Homem Deos, que roga pelos seus mesmos algozes, e que morre pelos seus inimigos, ensina a todos os homens, que o Christianis-mo he verdadeiramente a obra da paz, da doçura, da caridade; que se não pode pertencer á JESUS CHRIS-TO, se acaso nos anima hum espirito de odio, e de persegução; que para ser zeloso, segundo as regras do Evangelho, não se devem pôr ao mesmo nivel a verda-de e o erro; mas que he necessario reduzir com o exemplo, e com a instrução, aquelles que combatem a moral, e os dogmas.

Tudo prova, que hum falso zelo he muitas vezes mais perigoso, que a mesma incredulidade. Não se pó-de esperar humanidade alguma da parte de hum faná-tico, que julga fazer hum obra agradável á Deos, quando vos sacrificas á sua fúria: *Putat se obsequium prestare Deo.*

S. Paulo, antes da sua conversão, respirava con-tra os Christãos o sangue, e a carnagem, porque era impellido por hum zelo falso. Tinha consentido na mor-te de Estevão, e tinha-se feito o mais ardente perse-guidor da Igreja nascente, por causa do fanatismo, que o animava.

Se todos os Ministros do Evangelho tivessem tido cuidado de tomar a JESUS CHRISTO por seu modelo; se tivessem bem considerado, que este divino Salvador

recebia com bondade os peccadores, e soffria com paciencia os Samaritanos, e os Saduceos, não se teria visto excessos algum no seio da Igreja, e os inimigos da Religião Catholica não terião jamais achado caminho para lhe formarem a injusta accusação de ser perseguidora.

Todo o mal procede das disputas, de que o orgulho he quasi sempre a origem, e o principio. Sob pretexto de defender os interesses de Deos, e da Igreja, contenta-se cada hum a si proprio, e toma-se por verdadeiro zelo a effervescencia de hum sangue, que ferre, ou de hum imaginção, que se exalta.

Os prejuizos são outra causa do fanatismo. Se não fazemos caso delles, arraigão-se de tal modo em nós mesmos, que passão a ser natureza; e se, por desgraça, nos persuadirão, que humas simples opiniões da Escola he hum artigo de fé, somos capazes de sacrificar a nossa vida para a sustentar. Eis aqui o que nós vimos nos seculos da ignorancia, em que hums aos outros se anatematizavão, ou se degollavão, para defender sentimentos particulares, que não erão os da Igreja Universal.

O espirito de intolerancia, e peregrinação, nasce muitas vezes de humas perfeitas ignorancias; deixamo-nos conduzir por cegos, e cahimos com elles. Este defeito não tem desculpa nos Ministros de hum Deos, que recomenda aquelles, que hão de ser os conductores do seu povo, que seião a luz do mundo. Deve haver muita differença entre a ignorancia e a simplicidade. A ignorancia arrasta após si humas multidões de males; principalmente quando se não dá ouvidos mais que á si mesmo: como se ignora tudo, far-se o mal, sem saber que se faz.

Qualquer que seja a origem do falso zelo, sempre elle he feio aos olhos de Deos; ainda que hajão diferentes grãos, que augmentão, ou que diminuem a sua enormidade. Não se teria conhecido este falso zelo, se tivesses sabido distinguir a tolerancia, que supporta as pessoas, daquella que tolera os erros. Nunca he permitido o á hum Christão, qualquer que elle seja, pôr a verdade ao nível do erro, e confundir o heretico, o infidel, e o pagão, com os fiéis, que estão marcados com o signal da Fé; porém o procedimento de JESUS CHRISTO nos obriga a sopportar os homens, de qual-

quer communhão que seião, a viver com elles em sociedade, e a não vexallos, qualquer que seja a crença que hajão adoptado.

O verdadeiro zelo não tem outro caminho para se annunciar, mais do que a doçura, e a persuasão. Todas as vezes que se tomar hum ar severo para com os incredulos, mais de pressa se irritão, do que se convencem. O Salvador do mundo, nosso modelo, e chefe, quer que hum verdadeiro Pastor vá em busca da ovelha desgarrada, que a traga sobre as suas costas, e que não lhe venha ao pensamento querer apagar o pavio, que inda fumea, ou quebrar a canna já rachada. Bem sabida he a reposta, que deu este Homem Deos aos Apostolos, quando, pouco instruidos, querião fazer d'acer fogo do Ceo sobre Samaria; *Vos não sabeis de que espirito sois, lhes disse elle; eu não vim para perder os peccadores, mas para salvalllos.*

Nós vemos encherem-se de ira, e tomarem hum semblante, e hum tom exterminante, as pessoas a quem anima hum falso zelo, quando vem hum homem, que tem a infelicidade de não caminhar pelo verdadeiro caminho, ou quando delle ouvem fallar; o verdadeiro zelo, que he seguindo a sciencia de Deos, não se inflama, se não com a caridade de Deos, não se debaixo dos exteriores da doçura, e não se exprime senão com bondade.

Quando S. João Evangelista, o mais doce de todos os homens, nos recommenda, que nem ao menos saudemos hum inimigo de JESUS CHRISTO, quer por estas palavras fazer-nos sómente entender, que devemos absolutamente renunciar á sociedade de todo o homem, que conhece a verdade, e se não quer voltar.

Em vez de se tomar exemplo da mesma Louca Metropoli do mundo Christão, que permite aos Judeos o exercicio publico da sua Religião, em vez de se tomar por modelo os Summos Pontífices, que recebem os Protestantes com as maiores demonstrações de amizade, nunca se falla nos incredulos senão para os carregar de imprecções. Este não era o modo de obrar dos Padres da Igreja, que não pregavão nos seus escriptos mais que a concórdia, e a caridade; que se fazia media-

dores dos culpados, para obterem o seu perdão da parte dos Juizes, e dos Imperadores.

O Senhor mesmo, orando pelos seus ulgores, nos ensina, como se deve vingar a sua causa. Não houveram tantos clamores contra a Igreja Catholica, o tanto rancor entre as diferentes Communhoes, se o Espirito Evangelico tivesse sido o norte dos corações, e dos espiritos.

He cousa incontestavel, que cada hum deve fazer, quanto está da sua parte, para contribuir á salvação de seus irmãos, ou seja instruindo os, ou edificando-os; porém não he a violencia, nem a autoridade, que os deve constrear.

A fé, do mesmo modo que a obra, não he agradavel á Deos, senão em quanto he voluntaria. Se acaso se obrigar hum homem a fazer penitencia, *do mesmo modo que a orar a Deos*, e a adotar finalmente hum Religião que elle rejeita, far-se-ha quem tal obrar, culpavel aos olhos do Senhor, porque nunca he permitido vexar as consciencias: Não *haveis de ser*, disse JESUS CRISTO aos seus Apostolos, *como aquellas que dominão sobre as Nações*. Quer que aquellas que o escutarem, o escutem de boa vontade; e nunca foi visto, durante os dias da sua vida mortal, obrigar pessoa alguma á que o viesse ouvir. Deixou até ir-se embora aquelle mancebo, que parecia ter desejos de o seguir; porque a Religião não he senão para aquellos, que são de *boa vontade*: — *Homini bus bonæ voluntatis*.

Não se formarião mais que prevaricadores, e hypocritas, se se alistassem á força no seio da Igreja todos aquellos que não querem entrar nella. Estas palavras: *(Compelle eum, ut intrare)* são tiradas de hum parabola, e *Compelle* significar, que se devessem obrigar os homens a serem Catholicos, ou Christãos á seu pezar; querem sómente dizer, que se deve com a pregação fazer-lhes as mais vivas instancias para que entrem no caminho da salvação; representando-lhes principalmente que dião depende a sua felicidade, ou infelicidade eterna.

Mas o espirito de partido he tanto mais perigoso, porque, tomando todas as formas, e até mesmo o exterior da piedade, exercita assim a sua tyrannia. Aquelles,

a quem elle possui, não procurão realmente mais que dominar. O que os anima, quando encontrão resistencia, não he o interesse da Religião, que pouco os toca; mas he o seu orgulho, que se vê ferido. Ora isto he hum principio falso: he só espirito de partido, quem faz que homens illuminados se queirão vender por inspirados, e que fanaticos se annunciem por martyres. Assim forão os Chefes das Seitas; assim forão n'outro tempo, e no seio mesmo da Igreja, pessoas animadas por hum falso zelo, a respeito de cousas que nada interessavão a fé. A Historia Ecclesiastica nos offerece dião muitos exemplos, o que nos deve fazer tremer: porque, que cousa ha mais terrivel, que ver homens excellentes virem a ser victimas de hum zelo, que não he agradavel á Deos, e que a Igreja condemna como hum excesso, tão pernicioso á Religião, como á Sociedade?

Não ha cousa mais admiravel que o verdadeiro zelo. Se algumas vezes rompe, como o de JESUS CRISTO, contra os profanadores do Templo, he porque o homem que vem insultar a Deos, até ao pé dos Altares, merece ser reprimido; e não se deve confundir o amor da verdade com o espirito de partido. Foi este amor quem animou os Apostolos, os Martyres, os Padres da Igreja, e todos aquellos, que combaterão com vehemencia os erros, sem com tudo perseguirem aquellos, que erão delles os autores.

Hum Monarcha, verdadeiramente Christão, deve, sem duvida, pôr nos seus Estados barreiras á torrente da impiedade; mas não deve, para sustentar a honra de huma Religião, que he a sua caridade, punir de morte todos aquellos que tiverem opiniões diferentes, e combater, senão quando elles excitão juizios, e sedições, e quando alterão o Culto Divino. Porque, que cousa he a Religião Christã, senão a effusão do amor Divino, daquelle amor, que perdos na Cruz áquelles mesmos que o blasfemão; daquelle amor, que ama ternamente a todos os homens; daquelle amor, que excita a hospitalidade para com o Turco, do mesmo modo que para com o Indio; daquelle amor finalmente, que, fazendo se tudo para todos, nunca jamais pediu a morte do peccador, mas a sua conversão?

Que felizes mudanças se não terião visto acontecer-se, se, em lugar de vexar os herejes, os tivéssemos conjuirado com toda a ternura possível, que se não separas, sem do Centro de Unidade! Se se tivessem aclarado as suas dividas com bondade, escutado com paciencia as suas objecções, e se lhes tivessem finalmente fallado como a mesma Religião, que não faz accepção de pessoas, e que não conhece a amargura, nem a alliveza?

#### C A P I T U L O . XIV.

##### *Juins Impariciaes de Escriptores Protestantos sobre a Religião Catholica.*

**H**Ume na sua Historia de Inglaterra, havendo descripto os infamastos effeitos das perseguições reciprocas dos Govenos e Povos da Christandade por crenças e liturgias, e particularmente a horrenda matança dos *Huguenots* na França por ordem do Rei, e dos *Protestantes* na Irlanda por furia do povo, com o pretexto de se purificar a Religião Catholica, e destruir a heretica pravidade, diz na vida do Rei James II, que as crueldades dos fanaticos e supersticiosos tem sido causa de emmentes Literatos apostatarem do Christianismo, e seguirem o Deismo: mas condemna tal desvario, e assim pondera:

” O sophisma de arguir do abuso de alguma cousa contra o uso della, he o mais grosseiro, e ao mesmo tempo o mais commun, á que os homens estão sujeitos: porém deduzir dahi inferencia em desvantagem da Religião, e arguir temeraria e erroneamente.”

” O proprio Officio da Religião, he reformar a vida dos homens, purificar os seus corações, e segurar obediencia ás Leis, e aos Magistrados. Quando ella inspira e effectua estes saudaveis propositos, as suas operações, bem que de valor immenso, são secretas e silentiosas, e raras vezes então no conhecimento da Historia: esta somente refere os grandes crimes, que avultão no Theatro do Mundo, e que são os grandes mananciaes das facções, revoluções, e convulsões publicas.”

” Toda a Instituição, por divina que seja, airda que os homens sinceramente a adoptem, degenera de sua primitiva pureza, pelas enfermidades da nossa natureza, a não ser guardada com extremosa vigilancia. Que especie de devoção ha tão pura, que não participe dos sentidos, e da imaginação? Dahi se tem originado as extravagancias do fanatismo, e as cuezas da superstição.”

*Burke* nas suas *Reflexões* sobre a *Revolução da França*, em que Althões exercerão contra os catholicos, e especialmente contra os Ecclesiasticos, a mais satanica intolerancia, carnificina, e infernalidade, qual nunca se vio em povo culto ou barbaro, assim esconjura os impies:

” A lição da historia não deve servir para corromper os nossos espiritos, e destruir a nossa felicidade. A historia abre hum grande volume para nossa instrucção, contendo os materiaes de futura sabedoria, pelo util exame dos nossos passados erros, e enfermidades do genero humano. Se for pervertido o seu ensino, ella unicamente servirá de almazem de punhaes, para os partidistas contra a Igreja e o Estado suppirem com os mãos exemplos os meios de terem sempre vivas, ou de fazerem reviver, as nossas dissensões e animosidades, acrescentando maior fomento de incendio para a furia civil.

” A historia, na maior parte, consiste na collecção cas miserias que tem vindo ao mundo pela soberba, ambição, avareza, vingança, lasciva, sedição, fanatismo, e por todo o mais trem de paixões desordenadas. Estes vicios são as causas das tempestades politicas. Religião, moral, leis, prerogativas, privilegios, liberdades, *direitos do homem*, são meros pretextos dellas: e sempre forão pretextos com apparencia de bem publico. Os grandes actores e instrumentos nos *erros* e males publicos, são Reis, Padres, Magistrados, Senados, Juizes, *Episcopos*, *Piúes*. Porém não se cura o mal tomando-se a revolução politica de que não heijo Soberanos, Ecclesiasticos, Ministros de Estado, Conselhos, Tribunaes, e Generaes. Só podemos mudar os nomes, mas as cousas permanecero sempre as mesmas, e unicamente em figurã diversa.

” Sempre algum poder se deve confiar á algumas mãos; dê-se-lhe o titulo que se quizer. Os verdadeiros Sabios só applicão os seus remedios aos vicios, e não



aos nomes; ás causas que os occasionão, e não aos modos transitórios em que elles apparecem. Do contrario, os percutidos reformadores só se mostrão intelligentes em theoria, mas factos na pratica. A malicia he mais inventora do que a sciencia humana. O mesmo vicio muda de modo, e toma novo corpo; mas o seu mão espirito transmigra; e, longe de perder, pela mudança da apparencia, o seu maleico principio de vida, antes renova os seus novos orgãos com fresco vigor, e actividade juvenil.

A historia no seculo decimo nono deve ser melhor entendida, e melhor empregada. Contão que ella ensinara á posteridade civilisada aborrecer os attentados desses seculos barbaros. Ella ensinará aos futuros ecclesiasticos e magistrados não se despicarem, por vingança, contra os especulativos quietos alheos dos futuros tempos, das enormidades commetidas pelos athéos praticos, e furiosos entusiastas dos nossos dias. Ella ensinará á posteridade a não fazer guerra contra a *religião* e *philosophia*, pelo abuso que hypocritas tem feito destes dous preciosos donativos, que nos são conferidos pelo Pai Universal.

Talvez alguns Ecclesiasticos, pelos seus partidos, e alguns excessos, se tinham mostrado viciosos além dos limites em que se deve ter indulgencia com as fraquezas humanas. Concedo tudo isto: mas sou homem, e tenho a tratar com homens; e, reprovando a falta da racional tolerancia de opiniões religiosas, não desejo correr ao extremo da maior de todos as intolerancias. Suporto as fragilidades, em quanto não degenerem em crimes. Se a duvida o *progresso* das paixões, pela influencia dos *quatro* vicios, deve ser prevenida por olhos vigilantes, e mãos firmes.

#### Conclusão.

S. Paulo á quem a Igreja primitiva deo o título de Apostolo e Mestre das Gentes, cuja miraculosa conversão se refere nos *Actos dos Apostolos*, subitamente convertendo-se de Ieremita perseguidor em o mais zeloso propagador do Evangelho, nos transmittio a seguinte *Ligao Moral* sobre o Espirito da Tolerancia, Un-

nimidade na Fé, inscrutabilidade da Providencia. \*

"Deos cegou os entendimentos dos infieis, para que illes não replandega o farol do Evangelho.

Todos os que são elevados pelo Espirito de Deos, são fillos de Deos: — não recebestes o *espirito de cravidade*, para estardes outra vez com temor: mas recebestes o *espirito de adopção* da fillos, segundo o qual clamamos dizendo — PAI — PAI.

*Largamos fôrça de nós as paixões*, que por ignominiosos se occultão, não nos conduzindo com artificio, adulterando a palavra de Deos; mas recommendando-nos á toda a consciencia dos homens diante de Deos, na manifestação da verdade.

Sabemos que os que amão a Deos, todas as coizas lhes contribuem para seu bem.

Os dons e a vocação de Deos são immutaveis. Também vós, em algum tempo não crestes em Deos, e agora haveis alcançado misericordia.

Deos a todos encerrou na incredulidade, para usar com todos de misericordia.

O' profundidade das riquezas da sabedoria de Deos! Quão incomprehensíveis são os seus juizos, e quão inescutaveis os seus caminhos! Quem conheceo a mente do Senhor! Ou quem foi o seu conselheiro!

Ao que he fraco na fé, ajudado-o, não com debates de opiniões.

Quem és tu que julgas o servo alheio? Para seu Senhor está em pé, ou calhe: mas elle estará firme; porque *Poderoso he Deos para o segurar*. — *cada hum adonde em seu sentido*.

E tu porque julgas a *fé* de outro? Ou porque desprezas tu a teu irmão? Todos *pareceremos*, ante o Tribunal de CHRISTO. Porque está escrito — *Em vivo, diz o Senhor: todo o joelho se me dobrará, e toda a lingua dará louvor á Deos — cada hum dará conta á Deos de si mesmo*.

Não nos julgemos, mais hums aos outros, antes cuidai bem em não pôdes tropeço e escandalo ao vosso irmão: — *sigamos as causas que são de paz*.

(\*) Epist. aos Romanos cap. VIII. XI. XIV. XV. Epist. aos Corinthios cap. II. IV. X. XI. XIV. Epist. II. cap. I.

Nós que somos mais valentes, devemos supportar as fraquezas dos, que são debeis, e não buscar a nossa propria satisfação. Tudo quanto está escripto, para nosso consolo está escripto; a fim de que pela paciência e consolação das Escripuras tenhamos esperança. — Mas o *Deos de paciencia e de consolação nos concede uniformidade de sentimentos*, segundo o *espirito de JESUS CHRISTO*, para que UNANIMES á humbra glorifiquemos a Deos e Pai de nosso Senhor JESUS CHRISTO. — Por cuja causa mostrai acollimento hums aos outros, como também CHRISTO no-lo mostrou para gloria de Deos. —

Irmãos, rogo-vos que *todos sejais humas mesma coisa*, e que não haja entre vós schismas; antes sejais perfeitos em hum mesmo sentimento, e em hum mesmo parecer. A vossa fé não se funde na sabedoria dos homens, mas na virtude de Deos. — Entre os perfeitos fallamos da sabedoria, mas não da sabedoria deste seculo, nem dos principes deste seculo, que são destruidos.

Não julgueis antes de tempo, até que venha o Senhor, o qual não só porá às claras o que se aha escondido nas mais profundas trevas, mas também descobrirá o que ha de mais secreto nos corações; e então cada hum receberá de Deos o louvor. — Deos não he Deos de dissensão, mas de paz.

O *Deos de esperança* vos encha de todo o gozo, e de paz na vossa crença; para que abundeis na esperança, e na virtude do Espirito Santo. — Estou certo, irmãos, que também vós mesmos estais cheios de caridade, cheios de saber; e de maneira que podeis admoestar hums aos outros. — *Todos vós sois filhos da luz, e filhos do dia: nós não somos fillos da noite, nem das trevas.* ”

## CAPITULO. XV.

### Dos Estabelecimentos de Caridade.

Sêde misericordiosos como também o vosso Pai Celeste he misericordioso. — Fereis copiosa recompensa, e sereis fillos do Altissimo, que faz bem aos meamos que lhe são ingratos e máos. — Ev. S. Luc. cap. VI. 35. e 36.

N O *Diario Illuminense* N.º 37 de 13 de Agosto do corrente anno de 1825, se acha inserta instructiva Doutrina Philanthropica, que ali se diz — *Huma Palavra aos Brasileiros* —, de hum Literato Portuguez, o qual em Londres tem estrenuamente advogado a Causa da Independencia do Imperio do Brasil. Como o objecto á que me propuz, não he fazer obra minha, mas obra útil, communicando á Mocidade em substancia o que tenho achado de proveito publico na lição dos escriptos de credito; aqui transcrevo alguns paragraphos daquelle excellente Exhortação.

As boas Leis são como as boas sementes, que não podem prosperar nos terrenos aridos, magros, e desprovidos. Povo sem costumes não pode ser bem contido pelas providencias do Legislador; as leis são vãs, e nada aproveitam sem costumes: *quid leges sine moribus vane proficiunt?*

Não só os Apostolos da *democracia*, mas toda a especie de theorista, toda a casta de *republico*, faria maior serviço á sua patria, em vez de systemas sobre a combinação dos poderes, existissem methodos practicos de estender a Instrução Publica, de estabelecer a educação elemental das classes inferiores, e, sobre tudo, de infundir no espirito dos Povos a *moral pratica*, e a *caridade Christã*. Só assim he que se pre-dispõe hum Nação á observancia das leis, e á cultura da benevolencia reciproca.

Por mais bem governado que seja hum Imperio; por mais fertil que seja o seu terreno; por mais saue que seja o seu clima; por mais activa que seja a,

indústria de seus habitantes; nunca os benefícios podem estender-se á todas as classes da sociedade; forçosamente ha de haver humma classe indigente, maior ou menor, que causará grandes inquietações com crimes, e com violências, se a mão benfeyora do rico não velar constantemente na sua manutenção. As leis não podem fornecer empregos a todos; a população dos Imperios cresce n'humma grande desproporção com os meios da subsistência; e daqui resulta a miseria de hum grande numero de individuos. As leis o que podem fazer he reprimir os habitos da ociosidade; mas não podem achar capitães sufficientes para empregar nos trabalhos productivos do Campo, ou da Cidade, humma população superabundante, excessiva; e menos alimentar a velhice caduca, e amparar todos os enfermos, e achacados, que nem tem meios de viver, nem os podem ganhar pelo seu trabalho. A' este grande transbordo da Ordem Social he preciso que acuda a *Benevolencia Publica*; alias o cumulo da miseria terá bem depressa com sigillo o cumulo da depravação, e de crime.

Em Inglaterra mesmo, onde a grande industria tem accumulado humma incalculavel massa de capitães, não pode supprir-se este grande defeito. A população excede todas as medidas; e o espirito o mais industrioso, auxiliado por capitães immensos, não pode achar trabalho para todos; e que seria se o espirito de benevolencia não prestasse hum prompto soccorro á miseria? Sem este soccorro á Moral Publica, de que serviria o seu bom Governo Mixto? De que serviria o *habeas corpus*? De que serviria a *liberdade da imprensa*? De que serviria o processo por *Jury*? As ruas cheias de pobres, os campos cheios de gente faminta, e as estradas cheias de ladões, seião o necessario effeito, apesar de tão uteis Instituições. Mas a Moral Publica, fructo da educação, e da instrução, vai aqui tanto de accordo com as leis, e com o Governo, que suppreem os seus defeitos respectivos, e trabalho em commun no aperfeiçoamento da civilisação.

Quando se olha para o grande numero de Estabelecimentos de Caridade, e Beneficencia, que compõem de só a capital de Inglaterra, e quando se reflecte nas muitas porque esta Grande Maquina se conduz, nenhuma

exemplo de civilisação pôde ser offerecido á hum Imperio nascente como este da Benevolencia Publica. — Há em Londres:

117 Casas pias, que sustentão pobres, velhos de ambos os sexos, á que se chama "*Aims houses*." (Casas de Escolas.)

30 Hospitães, para pobres enfermos, coxos, invalidos, mulheres pegadas, mulheres de parto, meninos desamparados, moços seduzidos &c.

16 Boticas publicas (*Dispensatorio*) onde os medicamentos se distribuem de *gracia*, pela gente pobre de qualquer sexo, idade, religião, ou nação.

31. Sociedades, destinadas (segundo os seus diferentes titulos) a educar orfãos de ambos os sexos, casar donzellas pobres, livrar prezos por dividas, proteger viúvas desamparadas, acudir aos afogados, tractar dos doudos, &c. &c. D'entre estas he digna do maior elogio humma chamada a *Sumaria*, que tem por fim cuidar dos convalescentes que sahem dos Hospitães: duas outras se occupão exclusivamente — ou em assistir aos partos das mulheres casadas, — ou em visitar os enfermos nas suas proprias casas.

91 Companhias, que tem por objecto dar esmolas á gente necessitada: e monta a 800 mil cruzados por anno o capital de taes esmolas!

1600 Sociedades de artistas mechanicos, e gente de trabalho, o objecto das quaes he soccorrer os seus socios enfermos, e cuidar de seus enterros.

122 Bancos economicos (*saving banks*) onde a pobreza deposita o dinheito, que pode forrar ás suas necessidades, e percebe hum juro de 4 por cento: de sorte que o pobre, que depositar a hum de taes bancos *dois* cada semana, receberá no fim de 20 annos 310 mil réis, proveniente de capital, e juro composto.

Em summa, não menos de *dois mil, e sete* vem a ser os Estabelecimentos de Caridade e beneficencia dentro da Capital da Grã Bretanha! Nenhum d'elles he sustentado ou dirigido pelo Governo. Subscripções voluntarias, legados, e deações de individuos particulares, são o patrimonio destes Estabelecimentos: e deste modo os Cidadãos ricos, e philanthropicos preceão a peteforçar a moral, e remir as necessidades de seus con-

patriotas. Este he sem duvida o acrisolado patriotismo, que pôde fazer, tem feito, e fará sempre, o melhor ornamento do homem social, ou do Cidadão honesto.

Eis aqui os exemplos dignos de imitar: todas estas Instituições de Caridade suprem os defeitos da legislação; os ricos tomão conta daquella pobreza inevitavel, que encheria de crimes outra qualquer sociedade, e causaria o maior transtorno, por mais fortes que fossem as garantias da liberdade; e por mais copiosas que fossem as fontes da prosperidade publica.

## CAPITULO XVI.

*Exemplos de Caridade, Contra Horrida Deshumanidade.*

Meu pai e minha mãe me desampararam, mas o Senhor me tomou no seu pa-relho. — (Psalm. XXVI. ver. 10.)

**S**ua Magestade Imperial, em Resolução de Consulta do Desembargo do Paço sobre Representação dos Mordomos da Santa Casa da Misericórdia desta Corte, Deo Providencia, na Provisão de 22 de Fevereiro de 1823 contra o abuso dos mãos senhores, que, mandanda levar á Roda dos Engatados *crianças de cor preta*, depois de serem estes alli criados, os reclamavão como seus escravos; Declarando, *em favor da Liberdade*, que *seria cousa deshumana*, e inteiramente opposita ao bem entendido liberalismo, que os *Expostos de cor*, entregues ao abandono por seu senhor, e tratados e educados pelo Publico, devessem ainda ser chamados ao cap-tivoiro; Ordenando, que taes Expostos ficassem sob a Inspeção do Juiz dos Orfãos, e Recomendando á es-te Magistrado o mais zeloso cuidado em lhes procurar acomodação convivavel, e fazer-lhes aprender officio da sua inclinação; Mantendo-lhes os *privilegios da in-genuidade e habilitação pessoal*, que lhes pertencem pelo § 7 do Alvará de 30 de Janeiro de 1775.

No *Diario do Rio de Janeiro* N.º 12 de 13 de Agosto do corrente anno de 1825 se fez o seguinte *Anuncio*.

"Na casa da rua detraz do Hospício N.º 174 se acha desde a noite de 8 do corrente *humu criança preta de hum anno*, que por commiserção e humanidade alli foi recolhida, sendo encontrada no bôco do Fisco — *chorando, em miseravel estado de abandono* — Cortada de Açoites — No caso de escapar da morte á que fora lançada, poderá reclama-la quem di-reito tiver, *apresentando-se essa boa creatura ao An-nunciante*, que muito dezeja conhece-la."

Não consta que até agora algum *Herodes*, ou al-guma *Jezebel*, se apresentasse para reclamar direito de dominio sobre a *criança preta de hum anno, cortada de açoites*, e exposta na rua em miseravel estado.

Este exemplo de Caridade, e de Deshumanidade, he bem que fique manifeste neste escripto, para *Horror do Brasil, e Lição Moral*.

Elle demonstra, que, não obstante os pessimos e notorios exemplos de crueldade impunida, que se frequen-tão pelo systema de cativeiro, ainda ha almas con-pasivas, que denuncião taes attentados para a Execra-ção do Povo; e que os malvados, temendo o odio do Genero Humano, e respeitudo a Moral Publica, não ousão comparecer, ainda instigados da avariza, para re-clamações que o convencimento de sua maldetoria. Con-cluirei com o Moralista *Hume*:

"No commun dos homens educados em regulares e civilizadas sociedades, os sentimentos de vergonha, de-ver, honra, sempre tem consideravel authoridade, e ser-ven a contrabalançar e dirigir os motivos do interesse particular. — Eis viva prova do quanto he impossível, ainda aos espiritos mais corruptos, o despirem-se do ta-do o respeito á *Moralidade*, e ao *Dever Social*."

## CAPITULO XVII.

## Do Preceito da Honra.

Honrai a todos: amai a humanidade; temei a Deus: acatái o Rei — S. Paulo I. Epist. cap. II, vers. 17.

**E** *Spirito de Honra* he dictado aqui pelo Principe dos Apostolos, como preceito da Religião Christã. Mas he evidente, que nessa manifesta ampliação do Mandamento do Decalogo, que ordena *honrar ao pai e mãe*, decretando o agasalho ao Rei, prescreve a summa Honra ao Soberano, como *Pai da Patria*.

He contudo, não menos evidente, que esse preceito, só teve por objecto a *honra civil*; qual se deve mostrar nos sinais externos de reverencia a todas as pessoas, e na habitual equidade de não descobrir seus defeitos, para não se lhes tolher a estima do Publico, e do Governos, que he huma propriedade de summo preceito. A *honra natural*, e que só merece o titulo de *verdadeira honra*, he a que se funda na *gemma e constante virtude*: so esta he a que atrahê justa estima, e cordial reverencia. Sobre esta importantissima parte da Sciencia Moral苟venem dar noções exactas, e expor as opiniões dos Moralistas e Politicos.

Recordando aos Leitores o que já explanei sobre este assumpto no *Supplemento*, cap. XXVII, addirei o seguinte.

*Platão* \* diz: "O amor da honra he huma das mais fortes paixões do peitô humano: elle se mostra ainda nos mais tenros annos, e nos accompanha por todas as idades da vida. Porém os homens varião nas suas idéas do que constitue *honra*. Todos desejão distincção e preeminencia: todos aspirão a adquirir respeito entre as pessoas com quem vivem: ninguém he insensivel ao desprezo e á infamia. A Escripura sagrada frequentemente

se menciona e recommenda a *honra*, como derivada da sabedoria, e da observancia da Religião.

A verdadeira honra do homem não consiste meramente no que reclama respeito externo, mas no que inspira reverencia do coração. Sem duvida não consiste na mera posse da riqueza; pois que esta se pode achar nas mãos das pessoas as mais vis. Parece que a Providencia assim o permite, para mostrar quanto a riqueza he de nenhuma valia na vista de Deus, sendo desacompanhada da virtude. A experiencia mostra, que a posse da riqueza he compativel com o mais geral desprezo da pessoa.

Tambem a verdadeira honra não consiste na mera dignidade e preeminencia de Empregos. Se taes distincções sempre se alcançassem por merito não commum, se revestido: mas, no presente estado da sociedade, he bem sabido, que em grande, se não na maior, parte se adquirem só pelo nascimento e patrocinio; e não poucas vezes são o premio de lisonja, intriga, servilismo, importunidade. Quantas vezes as pessoas a que se prestão externas honras, como as mimosas da fortuna, de caracter, e indignidade reconhecida! Sem duvida he devida a honra ás pessoas de illustre nascimento, e Empregos no Estado: a subordinação da sociedade, e sim o requer, e cada bom cidadão deve espontaneamente prestar-lhes. Mas, quantas vezes taes pessoas assim condecoradas, e as mais externamente respeitadas, são desprezadas pelos homens em seus corações, e até execradas pelo Publico? A sua elevação só serve para fazer mais conspicua e manifesta a sua incapacidade e infamia. Atrocidade, patenteão em mais viva luz o quão pouco merecem a honra que possuem.

Igualmente a verdadeira honra não provém das esplendidas habilidades e façanhas, que excitão a admiração. Coragem, proeza, gloria militar, conquistas, podem fazer famoso o nome de alguém, sem constituir o seu caracter honorifico. A sua eminenca pode não combellar-lhes estima e reverencia interna. A sua gloria pode ter sido manchada com injustiça, rapina, deslumes.

niade, e outros vícios do seu caracter, que o fazem odiado, e detestavel.

Finalmente a verdadeira honra tambem não resulta só de transcendente politica, e litteratura de Estadistas, e sabios de genio e erudição fora do commun, se não ao intencionalmente empregados os seus talentos em promover o Bem do Genero Humano, e pelo motivo de virtude, em obediencia á Divina vontade. A verdadeira honra só regue no real merito, e *Bom Character* de *taes pessoas*, que as fazem dignas da afeição e veneração dos sabios e virtuosos, contemporaneos, e vindouros.

A pessoa credora do tributa da verdadeira honra he quem mostra hum espirito superior ao meio, egoismo, e corrupção do seculo; que só he governado por principios de uniforme rectidão e integridade; que he igual na prosperidade, e na adversidade; que nenhuma peita seduz; nenhum terror assombra; nenhum prazer afentua; nenhuma tribulação abate; que em qualquer situação da vida não se envergonha ou teme de fazer o seu dever com firmeza: que he verdadeiro á Deos que adora; sincero á fé, que professa; cheio de caridade á todos os seus irmãos do Genero Humano; fiel aos amigos, generoso aos inimigos, compassivo aos infelizes; abstenio nos proprios interesses, e prazeres; zeloso da conveniencia e felicidade publicas; magnanimo sem ser altivo; humilde sem ser baixo; justo sem ser aspero; singelo nas suas maneiras, mas varonil nos seus sentimentos; em cuja palavra se possa inteiramente confiar; cuja phisionomia não engana; cujas profissões de benignidade são effusões do coração; cujas vistas de van-tagem pessoal, escolheria para superior, confiaria como amigo, e amaria como irmão. — Eis o homem, á quem em nossos corações deveriamos dar honra!

Ainda que a *Verdadeira Honra* consista na *Virtude*, com tudo esse termo he applicado para exprimir qualidade moral, ou civil, distincta da Virtude, ou auballeria á mesma.

O Escriptor da *Moral Universal* \* define a *Honra*

(\*) Barão d'Holbach. Liv. I. Secc. III. cap. II.

*verdadeira* o direito que adquirimos pela nossa boa conduta á estima dos outros homens. *Honra das pessoas* he não menos a dignidade propria, que a reverencia alheia.

*Honra das Coroas* he expressão usual na Diplomatica para designar a magestade das Potencias, e a pratica de acções dignas dos Principes, que lhes attrahem a estima e Consideração das Nações. Diz se *Homem de honra*, o que não faz, nem presume-se capaz de fazer, acção que todos os homens bons condemnão, ou censurão, e que lhe faria perder o credito. *Mulher de honra* se diz com especialidade a que he pudica, e observante da fé conjugal.

Entre as que se presumem ou initialão *gentes de bem*, he recebida a regra, que a *honra vale mais que a vida*, e que nenhuma pessoa que aspira a ter credito, deve jamais vacillar de sacrificar a vida á honra.

Porém não só o vulgo, mais ainda as classes superiores, affectão *poudonor*, ou *ponto d'honra*, em cousas de mero capricho, e orgullo.

*Montesquieu* no seu *Espirito das Leis* Liv IV, Cap. II, e seguintes assim doutrina:

“O Mundo he a escola do que se chama *Honra*, a qual he a Mestre Universal, que nos deve conduzir em todas as cousas. Alli he que se vê e ouve sempre dizer tres cousas: que se deve pôr nas virtudes huma certa nobreza; nos costumes huma certa franqueza; e nas maneiras huma certa polidez.

“Sendo os homens nascidos para viver em sociedade, devem considerar-se nascidos para se comprazerem. A pessoa que não observasse as decencias estabelecidas, desagradando á todos com quem vivesse, desacreditar-se-hia á ponto de ser incapaz de fazer algum bem.”

Este Escriptor aqui considera *Honra* a delicadeza em bem conviver e tratar com os nossos semelhantes, evitando o seu desagrado.

Affirma o paradoxo, que só a *Honra*, e não a Virtude, he o principio do Governo Monarchico; e de fine a virtude o amor da patria, que diz consistir na *renuncia á si proprio*. Diz mais:

“Na Monarchia não ha cousa que as Leis, a Religião, a Honra, tanto ordenem, como a obediencia á vontade do Principe: mas esta Honra nos dicta, que o



Pois não deve jamais ordenar huma acção que deehonre ao cidadão ; pois que tal ordem nos tornaria incapazes de lhe fazer bom serviço.

“ *Civilon* recusou assassinar ao Duque de Guisa; mas se offereceo á Henrique III. o bater-se com elle em duello. Tendo Carlos IX. expedido ordem para no dia de S. Bartolomeo os Governadores das Províncias da França effectuarem a matança dos Huguenots, o Visconde de Horta, Commandante de Bayona, escreveu ao Rei nestes termos: Senhor, entre os habitantes e militares desta Praça não tenho aclado senão *bons citoyens*, mas não achei hum só cartasco: assim elles os eu supplicamos á Vossa Magestade, que empregue os nossos braços em *cousas que se possam fazer*. — Esta grande e generosa coragem considerava a huma *vilania como cousa impossivel*.”

Sem duvida os ditos Reis da França nas ordens que derão, não obrarão por dictame nem de Virtude, nem de Honra, nem de Principio da Monarchia; mas por escripto de despotismo e fanatismo, que nunca forão principios da Constituição Monarchica, e menos nas Monarchias da Christandade, e muito menos das Monarchias Constitucionaes. Os exemplos indicados mostão, que ainda em seculos escuros da Monarchia Franceza, á pezar do terror desses Despotas, havião na França *bons cidadãos de virtude heroica e de honra acrisolada*. A pezar da tyrannia de alguns Reis da França, não foi sempre o povo Francez hum dos mais distinctos no amor da patria, e na lealdade ao Governo? Antes da Revolução em Festas Publicas era Geral e Corral o Grito da Nação = VIVA O REI.

Montesquieu diz mais no Liv. XXIV. Cap. VI. “ A Religião Christã he afastada do Despotismo. Sendo a doutrina tão recommendada no Evangelho, ella se oppõe á colera despotica, com que o Principe quizesse fazer injustiça á si proprio, e exercer crueldades.”

“ Mr. Boyle, depois de ter insultado todas as religioes, deprime a Religião Christã. Elle ousa affirmar, que verdadeiros Christãos não formarião hum Estado que pudesse subsistir. Porque não? Serão cidadãos infinitamente *esclavizados sobre os seus deveres*, e que terão muito grande zelo em sua observancia: elles sentirão

muito bem os *direitos da defensão natural*: quanto mais cresem dever á Religião, tanto melhor pensarão dever á patria. Os principios do Christianismo, bem gravados no coração, serão infinitamente mais fortes, que as falsas honras das Monarchias, as *virtudes humanas das republicas*, e o temor servil dos Estados despoticos.”

No Liv. III. Cap. VI. diz que “ a Honra representa a Virtude Politica, e que ella *póde inspirar as mais bellas acções*, e junta á força das leis, conduzir ao fim do Governo Monarchico, como a mesma Virtude. Assim nas Monarchias bem reguladas, quasi toda a pessoa será bom cidadão, mas raramente se achará *homem de bem*; porque, para ser homem de bem, he preciso ter intenção de o ser, e amar o Estado, menos por amor de si, que por amor do mesmo Estado.”

“ A Honra faz mover todas as partes do Corpo Politico; ella as liga pela sua propria acção; e achase, que cada qual vai ao Bem-Commum, crendo ir á seus interesses particulares. He verdade, que he huma honra falsa a que conduz todas as partes do Estado; mas esta mesma honra falsa he tão util no publico, como a verdadeira o seria aos particulares, que a podessem ter. Não he muito obrigar os homens a fazer todas as acções arduas que exigem força de espirito, *sem outra recompensa que a fama dessas acções?* ”

“ Nos Estados Monarchicos, e moderados, o poder do Soberano he limitado pelo principio de Honra, a qual reina como Rainha, tanto sobre o Principe, como sobre o Povo.”

No Liv. IV. Cap. II. estabelece como principaes regras da Honra; “ jámais se fazer caso da fortuna e da vida em caso de conflicto dellas com a Honra; e, depois de sermos elevados á alguma distincção, não fazer, nem soffrer, que sejamos considerados indignos de tal distincção.”

He incontestavel que o principio da Honra he Grande Auxiliar da Virtude; e, depois da Religião, he a mais solida garantia da fidelidade dos cidadãos, e da Probidade dos Monarchas, e da mutua confiança entre os Governos e os governados.

O moderno direito das Gentes, para mitigar os horrores da guerra, e promover a reconciliação e paz,

se tem valido do *princípio da honra* \*, introduzido o estílo de dar quartel e a liberdade aos inimigos vencidos, ou que requererão capitulação, sob sua *palavra de honra* de não tomarem armas contra o vencedor, considerando-se summa deshonra o faltar-se à convenção. Os bons cidadãos são notorios.

Em Inglaterra os Lords tem o privilegio de não serem obrigados a qualquer juramento requerido pela Lei aos mais cidadãos; na justa confiança publica, de que pessoas de alta nobreza não se deshonrarão jamais faltando à verdade, bastando dar sua *palavra de honra*.

Bem disse Burke: "Quando no espirito dos homens se extinguir o antigo cavalleiro *espirito de lealdade*, que, levando os Reis do medo, livra tambem os Soberanos e cidadãos das precauções contra a traição e tyrannia, ver-se-ha a longa lista das cruéis e sanguinarias máximas, que formão o código politico de todo o *Poder*, que não se funda na *propria honra*, e na *honra dos que devem obedecer*."

O nosso Imperador, depois que Declarou a Independencia do Brasil, e Ordenou na Proclamação de 8 de Janeiro de 1823, que todos os naturaes do Novo Imperio que residissem em Portugal se recolhessem á Patria, assim Appelou para a Honra do Povo Brasileiro "O Vosso Imperador, o Vosso Perpetuo Defensor, o Vosso Amigo, não deve duvidar hum só momento da vossa Honra, e Patriotismo. — Brasileiros Estou certo, que a vossa resolução será o que Dicta a Honra, e o Brio Nacional. Em vós Confio."

No Decreto de 8 de Maio de 1822, dando providências para se preencher o numero sufficiente de Tropas da Brigada da Marinha Brasileira por concurso de

(\*) Tal he o poder, ainda da *falsa honra*, que se funda na idea de primazia, nobreza, e distincção, e dá estima e fama, no juizo dos homens de bem, de não ser capaz de obrar acção indigna, e infame, que até o jogador arrojado, que viola as leis de seu paiz em jogos de hazard, e de grande paradas, no risco de total ruina sua, e da família, sendo impontual, esquivo, e caloteiro em satisfazer os seus legaes empenhos, paga, dentro de vinte quatro horas, a *perda enorme*, que intitula — *divida da honra*.

*voluntarios*, Reconhece o quanto importa á Disciplina Militar que essa Brigada seja formada de homens bem educados, e com *principios de honra*.

Na Proclamação aos Brasileiros, quando nesse anno o Governo de Portugal ameaçou nova invasão ao Brasil, assim bem conceitua o Brio de seus Naturaes.

"O Brasil não abraça se não a honra, unico alvo á que alira, e unico distinctivo, que distingue os seus fillos. — Contai com o Vosso Perpetuo Defensor, que ha de, em desempenho de sua *Palavra de Honra*, dar a sua vida, para que o Brasil nunca mais tome a ser Colonia e Escravo."

Tambem, quando a Gratidão e Honra Brasileira O Acclamou Imperador do Brasil, Elle pelo Decreto do 1.º de Dezembro Creou hum Corpo Militar com o Titulo de — Guarda de Honra da Imperial Pessoa.

Finalmente, quando Facciosos Anarchistas proclamaram em Pernambuco a Confederação do Equador, o mesmo Imperador, Magnanimo e Impavido, na *Proclamação ao Exercito*, assim exalta o Valor Militar "A Honra Nacional e a Minha se achão offendidas." O resultado foi prompta Victoria, e Aniquilação da Anarchia.

## CAPITULO XVIII.

### *Causa da Justiça e Humanidade.*

Deos de hum só fez todo o Gênero Humano — assignando a ordem dos tempos, e os limites de sua habitação. Act. Apost. cap. XVII. vers. 26.

Convenção, que a Constituição Moral presuppõe a homogeneidade da Especie Humana, e que não pôde haver Melhoramento, e menos complemento dos Bons Costumes, sem a praticavel reforma de Leis relativas ao commercio de sangue Humano, terrivel resto do extincto Systema Colonial, não posso concluir a emprehendida tarefa sem aqui deixar (permitta-se me dizer) o meu *Testamento Philanthropico*.

A Honra do Brasil se acha desluzida e comprou.

metida nos Periodicos de Inglaterra, e Relatorios da *Sociedade Africana* de Londres, por se terem no Império do Cruzeiro continuado os horrores do Tráfico de Escravatura, contra a Fé dos Tratados, e Honestidade Publica. A cubia dos contrabandistas, e infractores dos Regulamentos, tem motivado as ignominiosas capitulações.

Porém o que mais deshonra, he que em cartas inserias no *Diario Freeman's* do corrente anno, se tem para a indelével epocha das Kalendas Gregas a final Abolição do Horrido Tráfico, quando a Humanidade está clamando por Herenico Golpe ao pavoso Dragão.

Até as Potencias da Santa Alliança já fizeram Declaração Diplomatica o Manifesto do seu Juizo sobre essa *Culpa Social*; e já, em parte, mostrão attender ao voto do insigne Politico da Europa o Presidente de Montequtien, que no seu classico livro do — *Esprit des Let's* — Primeiro advoegou a *Causa Liberal* a bem dos Africanos, assim dizendo no Liv. XV. Cap. V, ainda que com ironia, pelo receio de ser — voz clamante em deserto. —

“ Os povos da Europa, depois de exterminarem os da America, tem devido reduzir a escravidão os de Africa, a fim de servirem-se delles para a cultura de tão extensas terras. — Suppondo-se que os Negros são homens, começar-se-hia a crer que não sôem christãos. — Os Príncipes da Europa, que tem feito tantas Convenções inúteis, não fãõ humna *Convenção Geral* em favor da misericórdia e da piedade? ”

Já deo contas á Deos o Bispo de Pernambuco (por desdita Brasileiro) que neste seculo, ostentando-se Antagonista de tantos insignes Literatos e Estadistas Benemritos da Humanidade, se erigiu em Apologista do Tráfico negregado, animando-se a publicar humna obra, em que o justifica, com o systema de cativoiro, por necessario e conveniente ao Brasil, sem previsão das consequências, como se lvesse em vista concentrar a Ethiopia na Terra da Santa Cruz, onde no seu desembrimento só se acharão homens brancos e de cor.

Em 1818 dei á luz humna *Memoria dos Benefícios Politicos* de Sua Magestade Fidelissima, EIRei D. João VI., enumerando entre elles a Sua Convenção,

com Sua Magestade Britannica EIRei Jorge III., em que se comprometterão a cooperar para a *Causa da Justiça e Humanidade*, a fim da gradual Abolição do Mal de tres seculos. Alli mostrei assaz o Interesse Nacional, que resultaria desse Expediente.

Mas, como tem sido notorias as reclamações do Governo Inglez contra recorrentes abusos dos Armadores, e não falta quem ostente pertinácia, escudando-se com a autoridade do dito Prelado, he dever moral addir ponderações sobre tal obra.

Limitar-me-hei a refutar a triste Homilia quanto aos exemplos que elle allega da *Escripura Sagrada*. Para provar que o Tráfico e o cativoiro são de immortal origem, cita o miserando caso do moço José, fillo do Patriarcha Jacob, que foi vendido por seus Irmãos aos Traficantes Madianitas, os quaes o forão revender no Egypto. Cita tambem o caso de *Mardocheo*, quando *Assuero* Rei da Persia deo, por conselho de seu impio valido *Aman*, o fatal Decreto de exterminação dos Israelitas, e estes supplicarão, por mercê, a escravidão, como menor mal que a morte. Tambem se funda na Permissão Pontificia do Tráfico, como o unico meio de trazer o gentio d' Africa ao Gremio da Religião n' America.

A antiguidade dos costumes barbaros só prova a original corrupção da Especie Humana. Ainda mais antigo he o fratricidio de Cain á Abel. Pode-se com tal aresto justificar fratricidas? Tem sido notado por Philosophos, que a arte de destruir cidades, e cativar os prisioneiros de guerra, he quasi coeva á constituição dos Estados. Prova isso a justiça dos Destruidores da Terra, e dos opressores da Humanidade, e ainda menos a necessidade e conveniencia das guerras e tyrannias nos paizes onde se continuão por antiquissimo estillo? O direito consuetudinario só he allegavel no que não repugna aos *Sentimentos da Natureza*, que não se extermínio com erroneas policias, e mortíferas ameaças. \* Brados da Humanidade não se suffocão nas feiras de Escravatura. †

(\*) *Naturum expellas furcâ, tamen usque recurrat. Hor.*  
(†) Na Obra Inglesa — *Diario de Viagem ao Brasil* de

Seu devida o nosso Governo, que bem aprecia os sentimentos da Humanidade, não pode emendar abusos inveterados sem prudencial cautela. Mas ficar *Estacionário*, quando todos os Govenos d'America tem abolido o latimigo da Civilisação, he impolitico, he improvidente.

Reconheço que a maior difficuldade está na falta de mais extensos conhecimentos do povo para mudança de opinião sobre o presente assumpto. Não permita Deos que as luzes das Potencias que se tem declarado contra o mortifero Traffic, e o sagrado fogo da Humanidade, se apaguem sob o Hemispherio das Brillantes Constellações d'America Meridional. Bem diz o acima citado Montequieu no seu — *Espirito das Leis* — Liv. XV. Cap. III.

“Os conhecimentos fazem os homens doces; a razão os inclina á humanidade; só os prejuizos fazem renunciar á ella.”

Só quem for inteiramente ignorante da Biblia, poderá recusar o testemunho da propria consciencia no caso de que se trata.

Quem ignora que Deos salvou ao innocente joven José sendo revendido no Egypto; e que, depois de ser Liberto, até o elevara á Dignidade de ser o Segundo ao Soberano; a final dizendo elle aos prostrados Irmãos — *Vos cogitastes de mim o Mal, mas Deos o converteo em Bem.* (Genesis Cap. L. vers 20.)

Quem ignora, que, cahindo em duro cativeiro os descendentes da familia do Patriarcha Jacob, Deos suscitara hum Libertador em Moises, mandando lhe que os fizesse sair, em corpo de povo, da *Casa da Escravidão*, dizendo — *Vi a sua afflicção*, e *Ouvi o seu clamor.* (Exodo Cap. III. ;) E depois, entre as Leis da Theocracia, estabeleceu — quem furtar homem, e o vender, sendo convencido, terá pena de morte. (Exodo Cap. XXI. vers. 16.)

*Maria Graham*, vê se no Frontispicio a horrida (mas verdadeira) Estampa do Mercado de Negros no *Valongo*, no Rio de Janeiro; e na pag. 117 outro igual á porta de hũa Igreja em Pernambuco.

Quem ignora, que Deos castigara a deshumanidade e calumnia de *Amim*, derrubando-o n' hum instante do alto do seu valimento, perdendo esse impio a vida em altissima Força, como circumstanciadamente se refere no Livro de Esther? O Historiador agiographo, para instrução da *Posteridade*, transcrevo ali a Satisfacção, que o Monarcha deu ás Provincias do Imperio.

Assim se lê no cap. XVI. “Muitos, abusando da bondade dos Príncipes, e da honra que lhes he conferida, para opprimirem os povos; não se contentando com *violar os direitos da humanidade*, chegam á demencia de presumirem, que podem escapar da sentença de Deos, que tudo vê, calumniando os servidores do Estado dignos de honra, porfando com seggestões enganar aos candidos Soberanos, que julgaõ os mais homens por si, não lhes supporão sinistras intenções; o que he constante das historias. &c.”

Prescindo do resto da infeliz Memoria, que seria ignominia da Literatura contoverter; sendo de triste experiencia, que o nefando Traffic impossibilita o gradual preparatorio de mitigação do systema do cativeiro.

Ainda que o assumpto esteja exhauido pelos oradores do Parlamento Britannico, á que se tem dado com razao oTitulo da *Tribuna da Europa*, com tudo farei as seguintes reflexões.

O Profeta Rei no *Salmo LXXI.* Vers. 9, vacillou, que também os *Ethiopes adorarão a Deos.* Começou-se a realisar a propheta mais ostensivamente, depois que de Portugal em 1450 se expedia hum Missão ao Principe da Abyssinia, de que resultarão optimos effeitos.

Montequieu no *Espirito das Leis* — Liv. XXIV. Cap. III. attribue ao Christianismo, que se introduziu na Ethiopia, o não se estabelecer ali o despotismo, não obstante a vastidão do Imperio.

*Gibbon* na *Historia da Decadência do Imperio Romano* Cap. XLVII., refere, que o Principe negro da Abyssinia mandou solicitar por seus Embaixadores á *Roma* e Lisboa hum *Colonia de Artistas, Cirurgiões, e Medicos*, ambiçãoando a importação das industrias e artes da Europa; cujos bens os Jesuitas estragaram por sua ambição, occasionando o relapso do povo e governo ao antigo barbarismo.

O mesmo *Gibbon* no cap. XLII. refere, que o Imperador Justiniano foi arguido pela sua aliança com os Ethiopios, como se tentasse introduzir hum novo *sistema de negros no systema da Sociedade civilizada*.

Aquelle Escripôr já no cap. XXV. havia feito o seguinte juizo. "A inacção dos negros d' Africa não parece ser o effeito de sua virtude, ou de sua pusillanimidade. Elles satisfazem, como os mais homens, as suas paixões, e os seus appetites, e as tribos circumvizinhas se empenhão em frequentes actos de hostilidade. Porém a sua rude ignorancia não tem januaes inventando alguns efficazes instrumentos de defesa, ou de destruição: elles parecem incapazes de algum extenso plano de governo, ou de conquista; e a manifesta inferioridade de suas faculdades mentaes tem sido descoberta e abusada pelas Nações da Zona temperada. Setenta mil negros são annualmente embarcados da Costa de Guiné para não mais voltarem á seu paiz natal; mas são embarcados em grilhões: e esta constante emigração, que no espaço de dous seculos teria formado exercitos para se invadir o Globo, accusa a culpa da Europa, e a fraqueza d' Africa."

Sem duvida era decisiva a *superioridade*, em intelligencia e força, dos Europeos no descobrimento d' Africa occidental: mas só a mostrarão no abuso de sua civilização, manifestando á Sociedade, que unicamente sabião *destrahir*, mas não *instruir*, os povos incultos; e que nem atenderão á propria honra, a qual reclamava, que estabelecessem Colónias em o Novo Mundo com a população suprenumeraria de seus descobridores, e e não com gente inerte, repugnante ao trabalho regular, cheia de vícios do paganismo, e sendo até composta de malvados, e canibazes. Era não menos evidente a impiedade de errancar com violencias, villanias, e toda a sorte de más artes notorias, tantos milhares de barbaros, deslocando os de sua patria; havendo necessariamente de serem muitos innocentes victimas da tyrania de seus Principes, cerniçada com a promoeção do nefando trafico de escravatura. E como não viu os Europeos nisse a mais enorme violação da Ordem Cosmologica, tendo o Regedor do Universo separad, os Continentes Africano e Americano por quasi ou mais de mil leguas?

Como no horizonte politico não divisarão o perigo da extincção da progenie puritana, necessario effeito de progressiva accumulacção de crimes ardentes, quaes d'pois se afigurarão na Rainha das Antilhas?

Os Defensores do Trafico dão para a sua *Condição* as, quasi identicas, razões, (costume immemorial e interesse do Governo e Povo) que os Barbarescos das intitulladas *Regencias e Republicas* d' Argel e Tripoli, tem até agora dado para a continuacção da sua *pirataria* contra os Europeos. Por *inegritos Juizes de Deus*, tem por seculos durado essa *pirataria*, como *retaliação*, sem que o Grão Poder de suas Magestades Apostolicas, Christianissimas, Catholicas, e Fidelissimas, Separadas ou Confederadas, tenham podido effectuar a Abolição desse Mal.

Tendo-se começado a fundar o Imperio do Brasil em Bases de hum Systema Liberal, seria desairoso, que nelle prevalecesse sobre o Trafico de Escravatura modo de pensar menos humano e equitativo, do que ora predomina na Terra Mariarcha da Liberdade e Independencia do Continente Americano, que Primeira se emancipou da Servidão, Despotismo, e Monopolio da respectiva Metropole, a qual, sobre outros males, lhe introduziu o Cancro do Barbaismo dos Africanos.

He tempo de despertar do lethargo, não se correndo á olhos cegos ao invisivel, mas certo, precipicio, e não se preparando desde já a reforma dos costumes com o legal Corte do Trafico, e Pio Indulto de Resgate, effectivo, e não illusorio, dos que ainda estão em cativeiro servil. A Policia, com as cautelas necessarias para a occupação dos braços livres, e geral subordinacção, bem pode prevenir as desordens que se notão nos fôros, que, accostumados a viver da sustentação e protecção dos seiores, depois se achão em desabrigo, e sem meios de industria util.

Não he de admirar, que ainda os espiritos estejão tão errados da verdade, e hajão pescas tão desentendidas dos seus genuinos interesses sobre taes objectos, quando, até nos Estados Unidos d' America do Norte, a força dos habitos e prejuizos ainda não se eliminou completamente dos Lares Patrios, como se manifesta do seguinte monumento, que se acha na Obra de *Economia*.

nia Política do egregio Escripitor daquelle Paiz, *Daniel Raymond*, publicada em *Baltimore* no anno de 1853. Assim diz no tom. II. Cap. 13. — *Influencia da Escravidão na Riqueza Nacional.*

“ Ainda ha poucos annos, homens que se chamavão *Christãos*, tiveram a audacia de defenderem o Tráfico de Escravidão, não só no Parlamento de Inglaterra, mas tambem no Congresso Americano; e os Annuaes do nosso paiz resguardão a Ementa do facto ignominioso, que dous Estados Americanos recusarão entrar na União Federativa, sem se lhes dar o privilegio de continuarem esse Tráfico por vinte annos. Porém nestes vinte annos tal revolução se fez na Opinião Publica, que presentemente a pessoa que ousasse justificar o Tráfico, seria ollhado como hum *Monstro de depravação.* ”

“ Tem-se porfado em persuadir ao povo, que he peccado torrar os escravos, e que os senhores que lhes dão a liberdade, não só causão damno aos mesmos escravos, mas tambem ao paiz. — Quando os Apostolos da Escravidão pregão a *trizina origem* da mesma, e tem a ousadia de citar em prova a Sagrada Escripura no *Pentateuco*, e até *us puras e santas doutrinas do nosso Salvador e de seus Apostolos*, como authorisados que justificação a escravidão, não advertem no mal que fazem a Patria e á Posteridade, impedindo multiplicarem-se taes actos de justiça aos servos opprimidos. ”

“ Quem crê no governo moral de Deos neste mundo, e que elle tem estabelecido certas naturaes leis da justiça, que não permite serem violadas com impunidade, pode facilmente discernir o *Branco Vingador*, que faz recahir sobre o oppressor os muitos males resultantes do Systema de cativeiro; e *convence á hum povo christão purificar se de tal abominação.* ”

“ Quem crê no moral Governo de Deos no mundo, facilmente perceberá os signaes de seu alto desagrado contra o cativeiro, na diminuida população que elle causa; na comparativa inferioridade de produção da terra em consequencia de sua impfeita cultura; — nos habitos de preguiça, ociosidade, e consequente moral degração, que sempre caracteriza á humna porção dos habitantes dos paizes de escravos. He facto constatar

que nos Estados da Confederação em que não ha escravos, ou muy poucos, não obstante serem muitos ferreis, e extensos, a riqueza e moralidade he superior, e a população dobrada. ”

“ A geração actual não he responsavel pelos males da escravidão de que não foi causa; pois essa iniquidade e praga foi obra e agencia dos Introdutores originarios; porém he responsavel, se desatende, e se oppõe, aos meios praticaveis de mitigação dos mesmos males, e ainda mais se aconselha e promove a sua perpetuidade. ”

“ Felizmente he quasi geralmente reconhecida a enormidade do mal politico e moral do Tráfico de Negros d' Africa, e do systema de cativeiro perpetuo: os que ainda opinão em seu favor, temendo o Juizo Publico, são cautelosos em manifestar os seus sentimentos. ”

“ Os Regedores das Nações não devem ter a mesma *contra-vista* das causas e consequencias politicas, como os particulares, que só considerão os seus interesses presentes. Elles são elevados á Estandia superior: e de sua alta esphera podem bem ver os *mal entendidos* interesses egoticos dos individuos, ollhando ao futuro, e não atirajando a confiança da Nação, cujo verdadeiro interesse he o Permanentemente Bem Commun. ”

“ No desempenho desta confiança he que se constituem os vice-gerentes de Deos na Terra. Como Deos governa o mundo por leis de eterna justiça e sabedoria, exercendo a sua providencia tanto no presente como no futuro, os Regedores das Nações devião assim proceder. Até *conforme as mesmas leis do interesse particular*, a *distancia* dos interesses das gerações futuras se deve contrabalançar pela *grandza* dos mesmos interesses. ”

“ He do dever dos Legisladores considerar a Nação como immortal, e fazer Leis para ella, como se devesse existir para sempre; mas, por desgraça, a maior parte dos Legisladores pensão, que a Nação he de tão curta vida como a suaj e, em lugar de olharem prospectivamente as vindouras gerações, e os futuros seculos, só parecem ter em vista a geração actual, e até os transitorios interesses de certas classes da *Communnidade*, e não os perpetuos interesses da Nação. ”



“Se os Governos que authorisarão o Tráfico de negros d' Africa previrem as suas horribes consequências, deverão tello, quanto antes, abolido, e a sua memoria seria abençoada pela Humanidade. Mas, ao contrario, se mostrarão complices dos mais atrozes crimes contra Deos, e contra os homens.”

Não ha pessoa cordata, que hoje não reconheça a grandeza do mal politico da incessante importação de cafaria no Brasil; e não se horroze dos rigores, que comettem os ricos senhores contra os escravos, que estão inteiramente sem patrocínio das leis, vendo-se, até na capital do Imperio, o barbaro especulo de impudico abuso de authoridade domestica, quasi sendo cada casa hum cêdã e patibulo, onde se praticão flagellações e torturas, com insulto à religião e humanidade dos cidadãos honestos; até havendo desalmados, que defendem como necessarias as tyrannias dos despotas, que dizem, *tendo Noções nas familias*, só se podem reger servos com *ritmo de ferror* \*. Com tal systema he impossivel, não só progresso de moralidade, mas até de civilisação. Por isso he entre nós mui notada a violencia de caracter, e a falta de urbanidade, e de maneiras politas, por habitudados os individuos á actos de insolencia, cruza e contrastes de soberba e servilidade.

Causa espantosa! Quando o Governo Britannico e o dos Estados Unidos d' America do Norte (bons Juizes em causa propria) tem reconhecido a *Culpa Nacional*, e o mal e perigo, physico e politico, da continuação do Tráfico de Escravatura, e procurado com Tratados e Regulamentos promover a Civilisação d' Africa e preparar a melhora de condicção, e circumpecta Emancipação dos servos em o Novo Mundo; a fim de remover de si a *Praga do Delicto* de seus Predecessores; hum Projectista de Novo Código para o Imperio do Brasil, que tomou o modesto nome de *Emancipação das Americanas*, em hum Opusculo impresso no Mara-

(\*) Essa era a infernal regra dos Romanos, destruidores de homens. Por isso em fim. exilio o seu Imperio.

— Posquam nalcones in familiis habemus, colluviam illam non nisi metu coercentis — Tactius.

nhão no corrente anno de 1895, oscilla a sua Jurisprudencia com especialidade nos Titulos XXIII, e XXIV. — Do *Commercio de Escravos* — Dos *Esclavos e Affrictos*, em que se oppõe à Opinião Publica affirmando denodadamente na pag. 193, que, sem haver escravos, não pode haver no Brasil riqueza propria, e commercio duravel. Não admite obrigação de alforria senão no caso de *serviças providos* (o que na pratica sempre foi illusorio). Propõe para a Policia do Capitveiro hum *Código Negro* ainda mais cru, que o do Governo Francez antes da Revolução, e que alias muito contribuiu para a horrida scena do *Haity*.

Sera conlaminção a refutação de tal Projecto. Basto inditar aos Lectores, que o Author poz por bases do seu systema as duas terribes Proposições — “Com boas leis, e a sua vigorosa execução, todas as formas de governo são boas” — Eis o indifferenista de Cons-tituições, que iguala *cozas desiguales*, e que lança na mesma linha de conta os mais contradictorios Governos, Despoico, Democratico, Ochlocratico, *Monarchico* ou *Mixto*, qual a do Constituição do Imperio do Brasil: elle suppo o absurdo de poderem haver boas leis, e (o que he mais caprichoso) a *terra observancia delleas*, em Estado, em que, ou o Tyranno ou o Povo attribua-lhe potencia de sua vontade.

Vale muito prevenir os crimes; mas muito melhor he saber punillos. Eis a *mão de ferro* alçada contra crimes em Estado onde prevalece a Lei do capiti-veiro, e onde por isso mesmo boa educação geral he impossivel, sendo as paixões mais vis e violentas predomiantes pelo *systema da força*. Sinto dizer a dureza do coração do Author o faz figurar, como *Draco* resuscita-do, só proprio para Legislar na costa d' Africa contra-mundo o systema de Escravatura no Imperio de Monopolia.

Muito havia que dizer em tão vasta materia. Mas não pretendo aqui a Exemplar Legislação do Liberto dos Indios do Brasil, e dos servos de Portugal. El Rei D. José de gloriosa memoria, que, no Al-

nico, que Primeiro em seu Corpo Legislativo discutiu a Questão da Justiça, e que, desta convencido, á despeito dos clamores dos Traficantes Negreiros, e Lavadores de suas Colonias, vio bem com Telescopio Politico as futuras catastrophes, que resultarão da perpetuidade da Injustiça, e persiste no Glorioso Projecto de Abolir por Todo o Mundo tal Immoralidade, e legominia do Nome Christo.

O Dia em que as Potencias da Christandade firmarem o Tratado da Universal Abolição do Traffic de Escravidão Africana, e Declarem, como Lei de Convenção Directo das Gentes, *Proibida a Violação desse Tratado*, será (no meu humilde entender e voto) hum *Dia de Jubileo* da Humanidade, que, por si só, virtualmente dobrará a saúde, robustez, e vida dos miseros negros, e de cõr: será (se he licito dizer) Novo Dia de *Resurreição Civil* \* dos naturaes d' Africa, e de seus oriundos n' America, e fóra della, e preparará melhor futura progeie dos mesmos.

Os Potentados Africanos, desengannados de não poderem tirar partido das guerras, para venda de escravos aos Europeos, despertando se nelles o natural *espírito de inimizade*, pelo bom exemplo dos que já sob a influencia do Governo Inglez se estão adiantando nas artes da civilisação, reconhecerão as vantagens de novo modo de regimem.

Os Senhores d' America, que até agora não achavão interesse em cazar os seus servos, ou os descazavão com tanta arbitrariedade e iniquidade, com injuria não menos da Humanidade, que da Religião, verão com intuitiva evidencia a necessidade de bem tratar os seus escravos pretos, ou de cõr, e serem vigilantes em promover seus cazamentos, criação, e educação, para conservar em seus patrimonios com doce regimem patriarcal.

Sobre este assumpto offereço as seguintes reflexões.

(\*) Em Lingua Commercial se chama *Resurreição Civil a Vida Mercantil* do Negociante Fallido, que ou por Concordata de Creditores, ou por Sentença Judicial, foi restabelecido em credito da Praça.

de Henrique Storch, *Conselheiro de Estado* do Imperador Alexandre, Autocrator de todas as Russias, que tem gradualmente promovido á este respeito saudaveis reformas no seu vastissimo Imperio, onde ainda ha *servidão domestica, da glôba, e censitaria*, resto do systema de cativem de antigos povos salvagens, nomades, barbaros, e conquistadores. Aquelle illustre-sabio, no seu excellento Curso de Economia Politica, dado á luz em S. Petersburgo neste seculo, por ordem e á custa do ditto Soberano, e que he a colleção das *Lições*, que sobre essa sciencia o mesmo Conselheiro deo aos principaes Imperiaes, como seu Preceptor; depois de mostrar as decisivas vantagens do trabalho dos livres sobre o trabalho dos escravos, e as acertadas experiencias, que sobre a differença fizeram o Principe Chanceller do Imperio, e outros Grandes Senhores nas respectivas terras, com progressivo augmento de suas rendas, e melhoramento physico e moral dos numerosos servos que possuão; assim conclue no Liv. VIII. Cap. VII:

"A medida que se torna mais difficil procurar escravos pela guerra, e commercio, os senhores são obrigados a tratar melhor aos escravos que possuem, e a animar a sua multiplicação, favorecendo os seus cazamentos. Então a sua sorte se adôça insensivelmente: os crioulos nascidos na mesma caza, accostumados desde a infancia ao seu estado, são menos insubordinados, e tambem os senhores tem menos precisão de usar de rigor para os reprimirem. Pouco á pouco a terra que cultivão, vem a ser a sua patria. Ellas não tem outra lingua, e outra religião mais que a de seus senhores. Em consequencia se estabelece o habito de familia, e com elle a confiança e a humanidade da parte do Senhor &c."

RESGATE do Barbarismo para o Christianismo foi oTitulo originario, justificativo, ou palliatio, da tolerancia do Traffic, á que os naturaes sentimentos repugnã. Tal he o *Nome*, que ainda agora se lhe dá nas Expedições para a Africa. Sem duvida, muitos Africanos, e seus oriundos, tem recebido por esse meio o beneficio da Religião, e da Liberdade. Mas, occasio-nando tanta malditoria, miseria, e mortandade, como pôde ser compativel com o espirito da *Lei da Graça*, perpetuar males certos, para que venhão bens incertos?

A *Iniquidade* *menio* é si mesma; mas a Censura ditta que se desempenha em verdade do *Princípio* *imperfecto* do *Resgate*; e que, em consequencia, se considere a autoridade senhoresal, não pelo rigor do *direito* do *domínio*, mas sim pela regra do *direito* do *pehor*.

Portanto a Causa da Justiça e da Humanidade reclama, que o servo fiel seja protegido effazmente pela Magistratura, não só contra a sevicia do Senhor, adoptando se, com melhoramento, as Leis imperiaes de Antonio Pio, e de outros mais distinctos Imperadores Romanos \*; mas tambem, que em todo o caso, que qualquer servo offerte ao *Juiz de paz* indemnisação equitativa, a Lei lhe assista para compellir o Senhor a dar-lhe a alforria, quer a offerecida indemnisação proceda de *pecunia* da licita industria propria, quer de donativo alheio.

Na Ordenação do Reino Livro III. Tit. 65 se determina, que, em falta de Legislação Patria, os Juizes julguem pelas *Leis Imperiales*, que se achão nas *Fundiclas* do Imperio Romano, pela *boa razão* em que se fundem. Esta boa *razão* se acha nas Leis de seus melhores Imperadores em favor dos escravos realmente opprimidos, para a sua obrigatoria alforria, ou venda com *boas condições*: mas o Foro Portuguez nunca teve em regra taes Leis. O Governo Ingles proximamente adoptou o *espirito de taes Leis* para as suas colonias; e entre os doze capitulos do Novo Regulamento, hum he não haver castigo de flagellação para as negras, e não se poderem vender sem os seus filhos.

Por este expediente, e animando-se a vinda de industriosos Europeos, he natural, que se extenda a fidelidade e actividade industria dos servos, e cresça com rapidez o numero dos braços livres. Só assim he que se pode esperar que desapareça o mortificante espectáculo de tão enorme inferioridade e desproporção da *gente puritana*, que estreita o circulo dos casamentos con-

vinhados, e extende a dos gentios, das mulheres, e das criaturas das côres, que assignalão as classes superiores, e irrita as suadecimas, impossibilitando, homogeneidade de GRANDE FAMILIA, com Unanime Espirito Patriótico.

(+) *Côres* são effeitos da reflectida, ou absorvida, luz do sol nos corpos, conforme as latitudes, superficies, e outras circumstancias locais: he iniquo vilipendiar alguém só pela côr. A natureza espalhou com profusa mão o *variegado* nos tres reinos da criação. A preeminencia dada á côr branca na Especie humana, não pode excluir, nem desprezicar as outras variedades ainda nessa mesma côr. Deos criou tambem *distantes negros*, e ainda não se deo preferencia á *boa*, e *pleitina* *brancissima* sobre o outro de côr *loura*. A boa Educação he a que dá valor politico aos povos. A Igreja Catholica a todos acolhe em seu grão, como ordenou o seu Divino Fundador, que não tem *accepção de pessoas*. Ella dá o exemplo da *Ignatidade Moral* do Genero Humano, pondo os christãos de todas as côres na *Alteza da Comunhão*, como reconciliados *filhos de Deos*.

(\*)-Dir-se-hão-Christãos, e *Santificadores do sabado*, os que dão só o *Sabado* livre, sem mais nada, ao escravo para adquirir o seu sustento?

# INDICE

## Do Apêndice a Constituição Moral.

CAP. I. Moral Mandada.	2
CAP. II. Da Moral Christã.	19
CAP. III. Necessidade da Religião, e Excellencia da Moral Christã.	21
CAP. IV. Das Evidencias da Divina Revelação Evangelica.	
CAP. V. Observações sobre a Doutrina do Evangelho.	28
CAP. VI. Refutação de Objeções.	30
CAP. VII. Deveres Christãos.	34
CAP. VIII. Progreſso da Religião Ca- tholica n. America.	41
CAP. IX. Reflexões sobre o Exposto.	45
CAP. X. Da Influencia da Religião Catho- lica na Civilisação de Povos Barbaros.	48
CAP. XI. Dos Pretextos dos infieis para a incredulidade na Religião Revelada.	50
CAP. XII. Repulsa das Invectivas con- tra a Religião Catholica.	51
CAP. XIII. Doutrina do Santo Padre Cle- mente XIV: condemnando a Intolerancia e Perseguição por Dissidencia de Seitas.	60
CAP. XIV. Juizos Imparciaes de Es- criptores Protestantes sobre a Religião Catholica.	68
CAP. XV. Dos Estabelecimentos de Ca- ridade.	73
CAP. XVI. Exemplos de Caridade, Con- tra Horrída Deshumanidade.	76
CAP. XVII. Do Preceito da Honra.	78
CAP. XVIII. Causa da Justiça e Hu- manidade.	85